

Maria Manuela Mendes Rodrigues Amado

A IGREJA MATRIZ DA PRAIA E A VALORIZAÇÃO DA SUA OBRA
CRISTÃ PELA VISITA PAPAL DE 1990

**Trabalho Científico Apresentado na UNICV para obtenção de grau de Licenciado em
História sob a orientação do Dr. Lourenço Gomes**

O Júri

Praia _____ de _____ de 2009

AGRADECIMENTOS

O leque de pessoas que directa ou indirectamente, desempenharam um papel fundamental para que este processo de pesquisa, análise e elaboração deste trabalho tivesse sido concluído com êxito é vasto, o que me enche de satisfação. A todos, o meu muito obrigado.

Gostaria de agradecer, em particular, o meu orientador, o professor Dr. Lourenço Gomes, pela ajuda, compreensão e disponibilidade que demonstrou sempre, pelos conselhos e críticas construtivas e incentivos para fazer sempre o meu melhor.

Em especial o meu esposo, pelo apoio na elaboração final deste trabalho.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	6
CAPITULO I	
1.- Enquadramento Histórico.....	8
1.1 – A Implantação da Igreja em Cabo Verde.....	8
1.1.1 – Origens.....	8
1.1.2 Assistência Religiosa.....	13
1.1.3 A Igreja de Nossa Senhora do Rosário primeiro edifício sacro e grande referência da implantação da Igreja em Cabo Verde.....	17
CAPITULO II	
2. – A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Graça.....	20
2.1. - Origens (argumentos históricos e justificativos).....	20
2.2. A abordagem artística.....	23
2.2.1. Localização e descrição dos aspectos exteriores.....	23
2.2.2. As características internas.....	28
2.2.3. Análise simbólico-formal da obra.....	30
2.3. Um acontecimento importante na história da Igreja em Cabo Verde: visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde em 1990.....	35
Conclusão.....	50
Bibliografia.....	52

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Igreja de Nossa de Nossa Senhora do Rosário.....	17
Figura 2 – A localização da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Graça.....	23
Figura 3 – Cabeceira (alongada ligeiramente pela presença da torre sineira).....	24
Figura 4 – A Igreja de Nossa Senhora da Graça.....	25
Figura 5 – O Altar-mor e o Trono.....	28
Figura 6 - O Arco triunfal ou Arco de cruzeiro.....	29
Figura 7 – Estatueta de Nossa Senhora de Fátima.....	33
Figura 8 – Imagem do Sagrado Coração de Jesus.....	34
Figura 9 – Chegada do Papa à Ilha do Sal.....	35
Figura 10 – Discurso do Papa João Paulo II no aeródromo Francisco Mendes.....	38
Figura 11 – Encontro do Papa com o Clero e Religiosos na Pró-Catedral.....	40
Figura 12 – Saudação do Santo Padre aos Sãovicentinos.....	41
Figura 13 – Solene Celebração Eucarística na praia da Quebra Canela.....	43
Figura 14 – Encontro do Papa com os jovens no Gimno-Desportivo “Vává Duarte.....	45
Figura 15 – Papa João Paulo II na hora da despedida.....	47

INTRODUÇÃO

O trabalho ora elaborado é um estudo de pesquisa e análise sobre a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Graça, na cidade da Praia, e a valorização da sua obra cristã, com a visita do Papa João Paulo II em 1990.

O tema justifica-se, pela importância que o referido templo teve no contexto da implantação da Igreja Católica em Cabo Verde, como ponto de referência para os católicos, devido a sua meritoria acção de cuidados com as almas junto dos povoados, e das funções educativas e sociais, que de um modo geral, contribuíram na formação do homem cabo-verdiano.

Ainda justifica-se pelas exigências curriculares vigentes na UNICV, para a obtenção do grau de licenciatura em ensino de História.

Para o estudo desse objecto (Igreja Matriz da Praia) traçamos os seguintes objectivos:

- Contextualizar o processo da implantação da Igreja Católica em Cabo Verde;
- Descrever e analisar os aspectos relacionados com a estética da obra arquitectónica;
- Destacar o valor da sua obra cristã, com a visita Papal em 1990.

O presente trabalho consta-se de uma introdução, seguida de dois capítulos. O primeiro relata a situação da Igreja Católica em Cabo Verde, destacando a sua origem, o papel que ela desempenhou, e realça ainda, a importância da Igreja de Nossa Senhora do Rosário como referência na afirmação da Igreja em Cabo Verde. O segundo capítulo centraliza no edifício arquitectónico, abordando também a sua origem, a parte artística e a visita que o Papa João Paulo II efectuou a Cabo Verde em Janeiro de 1990.

Realizar um estudo sobre a Igreja de Nossa Senhora da Graça, implica um recuo ao passado, no que se refere à evangelização do arquipélago, e às construções de ermidas, capelas e igrejas, que, de certo modo, desempenharam funções para que foram edificadas.

Sabemos que a arte pode ser definida como a capacidade que o homem possui de produzir objectos, ou realizar acções, com as quais ele possa expressar ideias, sentimentos ou emoções estéticas, isto é, susceptíveis de produzir prazer estético. E uma obra de arte pode ser considerada como um veículo de comunicação, que requer sempre um suporte de qualquer material, pelo qual e no qual o artista concretiza a sua ideia, sentimento ou emoção, tornando a obra de arte uma mensagem receptível pelos outros.

Assim, tratando-se de uma obra arquitectónica, não deixaríamos, de realçar a vertente artística e cultural, de cariz sacro, que pelo seu valor próprio, deve ser considerada de interesse relevante para a permanência da memória colectiva do povo cabo-verdiano.

Qualquer trabalho desta natureza, requer investigação, pesquisa e análise de dados, factos, para que se possa ler de forma exaustiva e rigorosa, todos os elementos informativos que permitem a elaboração do mesmo. Daí, ser necessário, todo um processo metodológico, que permite, passo a passo, uma orientação objectiva do que se quer atingir. Assim sendo, para a feitura desse trabalho seguimos a seguinte metodologia:

- Levantamento bibliográfico;
- Consulta, leitura e síntese pertinentes;
- Vi, observação e recolha de imagens;
- Pesquisa de fontes de arquivo;
- Cruzamento de dados recolhidos;
- Redacção final do trabalho.

CAPÍTULO I

1. O Enquadramento histórico

Falar da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Graça, na sua vertente histórica, remete-nos às origens da Igreja Católica em Cabo Verde, que remonta os primórdios da descoberta das ilhas.

1.1. A implantação da Igreja Católica em Cabo Verde

1.1.1. *Origens*

A expansão portuguesa iniciada em 1415, com a conquista de Ceuta, teve motivações de várias ordens: às razões económicas, juntaram-se as de cariz social, político e religioso.¹ Naturalmente que, todas as classes sociais, incluindo a própria coroa estiveram envolvidas nessa empresa das descobertas.

No caso português, vários foram os objectivos traçados com a expansão. Não menos importante foi o “grande desejo que havia de acrescentar a Santa fé de Nosso Senhor Jesus Cristo, e trazer a ela todas as almas que se quisessem salvar.”² E, numa época de profunda religiosidade (primeira metade do séc. XV), considerava-se obrigação de todo o crente contribuir para o alargamento da fé cristã.

¹ Cf. AZEVEDO, Ana Maria. **Nova História Viva**. Lisboa. Editora Plátano. 1993. p. 28.

² CERONE, Frederico. **História da Igreja de Cabo Verde: Subsídios**. Mindelo. 1983. p. 14.

Para clérigos e nobres, a cristianização e a conquista eram forma de servir a Deus e ao rei.³ Foram duas espadas (civil e eclesiástica), que sempre andaram juntas na conquista, porque “as armas só conquistaram através do direito que a pregação do Evangelho lhes dava, e a pregação só servia para alguma coisa quando era acompanhada e protegida pelas armas.”⁴

Relativamente a Cabo Verde, o processo missionário e evangelizador das ilhas vem desde a descoberta e o povoamento das mesmas. E, António Carreira no seu livro *Migrações nas Ilhas de Cabo Verde*, realça essa ideia, referindo por exemplo, à divisão administrativa e religiosa da capitania do norte, na ilha de Santiago, e também à enumeração das terras, moradias, capelas e ermidas.⁵

O autor refere ainda, a existência, nas ilhas de Santiago e Fogo, de doze padres, e o povoamento das mesmas com europeus e a grande maioria de escravos provenientes da costa africana, a fim de serem ladinizados, aprendendo a catequese e recebendo o baptismo.⁶

“A responsabilidade evangelizadora das ilhas pertenceu desde o descobrimento à Ordem de Cristo. Em 7 de Junho de 1454 doava D. Afonso V à Ordem toda a espiritual administração e jurisdição, (...) sobre todas as praias, terras e ilhas conquistadas ou a conquistar no futuro, com expressa obrigação de mandar prover aqueles povos que conquistados forem, de pregadores e reitores que lhes administrem os eclesiásticos sacramentos. E de facto Nicolau V, pela celeberrima bula *Romanus Pontifex*, de 8 de Janeiro de 1455, (...) concedendo-lhes perpetuamente a posse material dos portos, terras, ilhas e mares (...) com poder de legislar, impor tributos e penas, edificar mosteiros e igrejas, reduzir os infiéis a perpetuo cativoiro”⁷.

A corroborar essa ideia, Nuno da Silva Gonçalves, no seu livro – os jesuítas e a missão de Cabo Verde (1604-1642) refere que Cabo Verde, como todos os outros territórios ultramarinos portugueses, dependia eclesiasticamente do padroado concedido pelos papas, aos reis de Portugal.⁸

³ Cf. SARAIVA, José Hermano. **História Concisa de Portugal**. Lisboa. Publicações Europa América. p. 132.

⁴ BOXER, C. R. **O Império Marítimo Português 1415-1825**. Lisboa. Edições 70. 1969. p. 227.

⁵ Cf. CARREIRA, António. **Migrações nas Ilhas de Cabo Verde**. Lisboa. ICL. 1983. p. 26.

⁶ Cf. CARREIRA, António....op. cit. p. 27.

⁷ VASCHETTO, Bernardo. **Ilhas de Cabo Verde: Origem do povo cabo-verdiano e Diocese de Santiago de Cabo Verde. Situação económica e eclesial (1973-1986) à luz de uma documentação histórica (1460- 1700)**. Boston. Edição Farol. 1987. p. 228.

⁸ Cf. GONÇALVES, Nuno da Silva. **Os Jesuítas e a Missão de Cabo Verde (1604-1642)**. Lisboa. Edição

Segundo o autor citado o acordo assinado entre os reis de Portugal e a Santa Sé foi um acto de cooperação entre o poder temporal (monarquia) e o poder espiritual (Ordem de Cristo), a partir do qual estas instituições articularam o exercício dos seus poderes, a ponto de cumprirem com os propósitos do espírito de cruzada na luta contra os infiéis e na dilatação da fé cristã no mundo.

“O rei de Portugal na qualidade de governador e administrador perpétuo da Ordem de Cristo, era o primeiro responsável pela evangelização dos novos territórios e pela organização e manutenção das igrejas locais.”⁹

A presença da igreja em Cabo Verde, mais concretamente na ilha de Santiago, na pessoa dos seus missionários, remonta os primórdios da história desta ilha. Aliás para Frederico Cerrone, “no ano de 1462, citam os documentos, a erecção da paróquia de Nossa Senhora da Conceição na Ribeira Grande. Conclui-se, assim, que já por esta época havia sacerdotes em Cabo Verde”¹⁰

A bordo das caravelas chegaram os primeiros colonos e missionários “à semelhança do que tinha acontecido com os outros arquipélagos atlânticos – e que será característica da expansão portuguesa no atlântico e no Índico - as duas espadas do poder civil e do eclesiástico andaram sempre tão unidas [...] que raramente encontramos uma a ser utilizada sem a outra”¹¹

Esses missionários, os primeiros a exercerem a actividade missionária nas ilhas, eram frades franciscanos naturais da Catalunha (frei Rogério, que perdeu a vida por haver ousado denunciar o mau costume do primeiro feudatário Bartolomeu de Noli, e o frei Jaime).¹²

À medida que as ilhas, iam sendo povoadas, a assistência religiosa, embora quase sempre precária, não deixou de acompanhar o povoamento e sendo disso responsável a Ordem de Cristo. Em 1508 estava já construída na Ribeira Grande a Igreja do Espírito Santo e, em 1511 existia já em Santiago onze paróquias e pelo menos duas em Fogo.

Brotéria. 1996. p. 57.

⁹ Cf. GONÇALVES, Nuno da Silva. **Os Jesuítas e a Missão de Cabo Verde (1604-1642)**. Lisboa. Edição Brotéria. 1996. p. 57.

¹⁰ CERONE, Frederico. **História da Igreja de Cabo Verde: Subsídios**. Mindelo. 1983. p. 15.

¹¹ DOMINGUES, Ângela. *Administrações e Instituições: Transplante, Adaptação, Funcionamento – A Igreja em Cabo Verde*. In: ALBUQUERQUE, Luís e SANTOS, Maria Emília Madeira (coordenação). *História Geral de Cabo Verde volume I*. Lisboa. Direcção Geral do Património Cultural de Cabo Verde, Praia. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, Instituto de Investigação Científica Tropical. 1991. p. 119.

¹² Cf. CERONE, Frederico. **Cabo Verde – Cruzamento do Atlântico Sul. Centro de Missões Estrangeira dos Capuchinhos**. Mindelo. Editora Radio Nova. p. 143.

As igrejas iam-se levantando lentamente, custosamente e pobremente. Em 1526 iniciava-se a construção da capela-mor da Igreja de Nossa Senhora na vila da Praia.¹³

No seguimento da literatura conquistada, a cristandade crescia rapidamente, devido a considerável presença de escravos, que a lei queria ver baptizados o mais rapidamente possível. Era a igreja a por travão à pressa dos patrões e dos negreiros que exigiam o baptismo em massa ao menos para que os escravos de passagem em direcção à América Latina.

“Um dos primeiros actos de povoamento, nos principais focos de fixação populacional, consistia precisamente na definição e construção de espaços sagrados, fossem eles simples cruzeiros, pequenas ermidas ou capelas, onde os povoadores iniciais pretendiam ver reproduzindo o alimento espiritual que tinham tido na metrópole.”¹⁴

Como se pode ver, desde muito cedo se iniciou o processo de cristianização e construção das igrejas ou pequenas ermidas nas ilhas de Cabo Verde, acompanhando gradualmente o povoamento.

Não é historicamente exagerado afirmar que a igreja esteve presente desde o nascimento de Cabo Verde e cooperou profundamente na formação sócio religiosa do seu povo, não obstante essa presença ter-se firmado de forma modesta, limitada e mais ligada à acção pessoal dos povoadores. Ela acompanhou de perto e desde a primeira hora a fixação portuguesa no arquipélago.¹⁵

Cabo Verde dependia eclesiasticamente do padroado concedido pelos Papas aos reis de Portugal. Assim, a coroa portuguesa, na qualidade de governador e administrador perpétuo da Ordem de Cristo, detinha privilégios consideráveis, como a iniciativa de erigir dioceses.

A Cidade da Ribeira Grande, devido a sua posição geo-estratégica, serviu de ponto de apoio à expansão portuguesa, e também teve um importante papel no desenvolvimento do comércio e da navegação de longo curso.¹⁶

¹³ Cf. VASCHETTO, Bernardo. **Ilhas de Cabo Verde: Origem do povo cabo-verdiano e Diocese de Santiago de Cabo Verde. Situação económica e eclesial (1973-1986) à luz de uma documentação histórica (1460-1700)**. Boston. Edição Farol. 1987. p. 230.

¹⁴ SANTOS, Maria Emília Madeira e SOARES, Maria João. *Igreja Missionação e Sociedade*. In: SANTOS, Maria Emília Madeira (coordenação). *História Geral de Cabo Verde volume II*. Lisboa. Direcção Geral do Património Cultural de Cabo Verde, Praia. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, Instituto de Investigação Científica Tropical. 1995. p. 375.

¹⁵ Cf. SILVA, António Correia e. **Espaços Urbanos de Cabo Verde, O Tempo das Cidades-Porto**. Lisboa. (Produção) Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. 1998. p. 17.

¹⁶ Cf. PEREIRA, Daniel. **Marcos Cronológicos da Cidade Velha**. Praia. 1988. Edição ICL. p. 34.

Devido ao seu movimento de negócios “instalam-se na cidade mercadores ricos atraídos pelo vigor da procura americana. Os grandes comerciantes de Lisboa e Sevilha nomeiam aqui agentes, procuradores e representantes. (...) No século XVI, o comércio marítimo soma e segue.”¹⁷

O rei D. João III, atraído pela importância económica que a Ribeira Grande ganhara no século XVI, e também devido a uma cristandade que parecia ser prometedora, solicitou ao Papa que a separasse da Diocese de Funchal (Madeira) à qual estava até então ligada, e construir uma diocese autónoma.¹⁸

A pedido de D. João III, foi “criada pela bula Pro-Excellenti de Clemente VII de 1533, com sede na Ribeira Grande, ilha de Santiago, a Diocese de Cabo Verde estendia primitivamente o seu território ao continente vizinho, desde o rio Gâmbia até ao cabo das Palmas. Em 1940 o território da diocese ficou reduzido ao arquipélago de Cabo Verde.”¹⁹

A área da Diocese de Cabo Verde era demasiado vasta, a ponto de o bispo não poder dar cobertura necessária, em termos de visitas pastorais. Isso levava ao surgimento de frequentes conflitos.

Outro aspecto que complicou o governo da Diocese é a questão do seu espaço ser heterogéneo em termos físicos, étnicos e religiosos, contribuindo para uma difícil gestão da diocese.²⁰

Daniel Pereira partilha a ideia de que, a Ribeira Grande nunca teve um desenvolvimento e grandes condições, a ponto de merecer o título de cidade que lhe foi dado em 1532, quando o rei D. João III decidiu propor a criação da Diocese de Cabo Verde. Mas que, no entanto, foi conveniente, porque não só facilitou a ordenação dos sacerdotes como também melhorou a coordenação da tarefa evangelizadora na costa ocidental africana fronteira, de onde chegaram muitos homens livres para se cristianizarem.²¹

A criação da nova Diocese correspondia “a uma política concertada, que visava

¹⁷ SILVA, António Correia e. **Combates Pela História**. Praia. Edições Spleen. 2004. p. 131

¹⁸ Cf. CERONE, Frederico. **Cabo Verde – Cruzamento do Atlântico Sul**. Centro de Missões Estrangeira dos Capuchinhos. Mindelo. Editora Radio Nova. p. 143.

¹⁹ CORRÊA, António Mendes. **Ultramar Português II, Ilhas de Cabo Verde**. Lisboa. Agência Geral do Ultramar. Divisão de Publicações e Biblioteca. MCMLIV. p. 197.

²⁰ Cf. SANTOS, Maria Emília Madeira e SOARES, Maria João. *Igreja Missionação e Sociedade*. In: SANTOS, Maria Emília Madeira (coordenação). *História Geral de Cabo Verde volume II*. Lisboa. Direcção Geral do Património Cultural de Cabo Verde, Praia. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, Instituto de Investigação Científica Tropical. 1995. p. 373.

²¹ Cf. PEREIRA, Daniel. **Marcos Cronológicos da Cidade Velha**. Praia. 1988. Edição ICL. p. 23.

transplantar para o espaço além-mar as correspondentes estruturas eclesiásticas, tais como existiam no quadro do reino, (...) argumentava-se que as almas dos cristãos seriam mais acarinhadas do ponto de vista espiritual mas também que se daria azo à conversão dos infiéis.”²²

Conforme Joel Serão e A. H. de Oliveira sucederam-se no governo da Diocese de Cabo Verde, de 1533 a 1774, dezassete prelados, normalmente apresentados pela coroa, através da carta régia dirigida ao Papa, e confirmados por bula que nomeava o candidato.

“Sabe-se, que o primeiro bispo para esta Diocese, tomou posse em Lisboa e por lá se ficou, o mesmo acontecendo a alguns dos sucessores, a tal ponto que orça por 150 o número total de anos que esta igreja esteve órfã. D. João Parvi ou D. João de Évora, foi o segundo bispo nomeado e primeiro que a Cabo Verde chegou.”²³

Posteriormente lhe sucederam alguns bispos que estiveram longos períodos à frente dos destinos da Diocese, entre eles: D. Frei Francisco da Cruz (1553-1571), D. Frei Lourenço Garro (1625-1646) e D. Frei Pedro Jacinto Valente (1752-1774). Outros tiveram curtos períodos de governo da diocese por terem falecido. Foi o caso de D. Luís Pereira de Miranda (1608-1609), D. Frei Sebastião da Ascensão (1611-1614) e D. Frei Fábio dos Reis (1672-1674).²⁴

De acordo com a bibliografia consultada, os bispos D. Frei Francisco da Cruz e D. Frei Vitoriano Portuense foram aqueles que mais marcaram a sua presença em Cabo Verde, com as respectivas acções a corresponderem à construção de grandes obras arquitectónicas de cariz religioso.

1.1.2. Assistência religiosa

A assistência religiosa no arquipélago, embora com deficiências e clero insuficiente, estava minimamente garantida e organizada nos centros urbanos das ilhas de Santiago e do Fogo, aquelas cujo povoamento foi mais antigo.²⁵

²² SANTOS, Maria Emília Madeira e SOARES, Maria João. *Igreja Missionação e Sociedade*. In: SANTOS, Maria Emília Madeira (coordenação) op. cit. p. 371.

²³ CERONE, Frederico. **História da Igreja de Cabo Verde: Subsídios**. Mindelo. 1983. p. 21.

²⁴ Cf. SERÃO, Joel e MARQUES, A. H. De Oliveira. *Nova História da Expansão Portuguesa – A colonização Atlântica*. In: MATTOS, Artur Teodoro de (coordenação). Tomo 2. Editorial Estampa. 2005. p. 206.

²⁵ Cf. GONÇALVES, Nuno da Silva. **Os Jesuítas e a Missão de Cabo Verde (1604-1642)**. Lisboa. Edição Brotéria. 1996. p. 62.

No entanto, no que se refere às zonas rurais e às demais ilhas, a situação religiosa era mais irregular.

Segundo Cerone, das actuais freguesias da ilha de Santiago, nove já existiam desde a segunda metade do século XVI.²⁶

“Em 1582, além das freguesias da capital, Ribeira Grande e da vila da Praia, outras oito espalhadas pelo interior, todas com sacerdotes e missa quotidiana. Em zonas mais remotas existiam as ermidas, onde, se celebrava missa regularmente.”²⁷

A Sé funcionava na Igreja da Misericórdia. Por se tratar da primeira igreja da Diocese tinha para seu funcionamento um cabido, uma cura e coadjutor, sacristão, quatro capelãs, sub-tesoureiro, quatro moços do coro, um porteiro de maça, um pregador, um organista, um mestre de capela, um escrivão e um recebedor da fábrica.²⁸

Na ilha do Fogo havia duas freguesias e quatro ermidas. Nas restantes freguesias: S. Nicolau Tolentino da Ribeira de S. Domingos, Santiago da Ribeira Seca, Nossa Senhora da Graça da vila da Praia, Santo Amaro do Tarrafal, S. João da Ribeira de Santo António, Santa Catarina do Mato, S. Miguel da ribeira dos Flamengos, São Jorge dos Órgãos, Nossa Senhora da Luz dos Alcatrazes, na ilha de Santiago e S. Filipe e São Lourenço dos Picos na ilha do Fogo possuíam o seu vigário ou capelão e por vezes um sacristão que, em certas ocasiões realizava ofícios nas diversas ermidas dispersas pelas ilhas.²⁹

Em relação às outras ilhas na opinião de Francisco de Andrade, citado por Joel Serão, só existiam igrejas em Santo Antão, S. Nicolau, Boavista, Maio e Brava, onde o Bispo mandava anualmente um sacerdote para atender os moradores e administrar os sacramentos.

A corroborar essa ideia, Maria Emília Madeira Santos e Maria João Soares referem que, tratando-se de ilhas periféricas não foram dimensionadas logo como freguesias, porque não tinham “um pároco com assento permanente, mas possuíam já um capelão que

²⁶ Cf. CERONE, Frederico...op. cit. p. 23.

²⁷ SERÃO, Joel e MARQUES, A. H. De Oliveira. *Nova História da Expansão Portuguesa – A colonização Atlântica*. In: MATTOS, Artur Teodoro de (coordenação). Tomo 2. Editorial Estampa. 2005. p. 216.

²⁸ Cf. SANTOS, Maria Emília Madeira e SOARES, Maria João. *Igreja Missionação e Sociedade*. In: SANTOS, Maria Emília Madeira (coordenação). *História Geral de Cabo Verde volume II*. Lisboa. Direcção Geral do Património Cultural de Cabo Verde, Praia. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, Instituto de Investigação Científica Tropical. 1995. p. 416.

²⁹ Cf. SANTOS, Maria Emília Madeira e SOARES, Maria João. *Igreja Missionação e Sociedade*. In: SANTOS, Maria Emília Madeira (coordenação)...op. cit. p. 417.

aí oficiava temporária ou sazonalmente, por mandato do bispo, normalmente nos momentos mais importante da religiosidade crista, como a Quaresma.”³⁰

Até meados do século XVI existia uma forte presença de clérigos na Ribeira Grande, constituído na sua totalidade por clérigos reinóis, embora desde 1518, o Papa autorizasse a ordenação de africanos que superou em parte a falta de clérigos reinóis na Diocese.³¹

No entanto, se verificava no interior da ilha de Santiago sinais de decadência quanto à presença de clero, que efectivamente passou a ser fraca. Apenas subsistiram duas freguesias: a do S. Domingos e de Santa Catarina.

Também na ilha do Fogo, apenas uma freguesia ficou a ser assistida por um sacerdote, e nas restantes ilhas a população contentava-se com as visitas ocasionais dos sacerdotes enviados da capital.

A cidade de Ribeira Grande participou dessa inevitável decadência. Mas, no entanto, mantinha-se, apesar de tudo, o centro eclesial mais organizado e estável, pois, era a sede da diocese, existiam vários locais de culto e diversas confrarias tinham sido erigidas.

Apesar das insuficiências, a igreja correspondia às exigências dos cristãos, e, promovia o baptismo e a catequização dos escravos recém-chegados da Costa da Guiné.

Estes escravos, como sabemos, fixavam na ilha de Santiago e depois seguiam para as Antilhas. Assim, a sociedade santiaguense correspondia a uma sociedade escravocrata em que os negros africanos eram elementos maioritários e os brancos europeus constituíam a classe dominante.

Os reinóis continuavam vinculados à sua pátria, à sua cultura, e trouxeram consigo as suas práticas religiosas tradicionais e também ministros do sagrado, que asseguravam a satisfação das suas necessidades espirituais. Enquanto que os escravos africanos eram desenraizados da sua cultura e obrigados a assimilar e a valorizar a cultura dos brancos europeus, deixando a sua.³²

³⁰ SANTOS, Maria Emília Madeira e SOARES, Maria João. *Igreja Missionação e Sociedade*. In: SANTOS, Maria Emília Madeira (coordenação)...op. cit. p. 417.

³¹ Cf. SANTOS, Maria Emília e CABRAL, Iva Maria. **Cabo Verde - Fortalezas, Gente e Paisagem**. Bilbao. Editora Agência Espanola de Cooperacion Internacional Del Ministerio de Cultura de Cabo Verde. p. 32.

³² Cf. SANTOS, Maria Emília Madeira e SOARES, Maria João. *Igreja Missionação e Sociedade*. In: SANTOS, Maria Emília Madeira (coordenação). *História Geral de Cabo Verde volume II*. Lisboa. Direcção Geral do Património Cultural de Cabo Verde, Praia. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, Instituto de Investigação Científica Tropical. 1995. pp. 375-454.

A religião desses brancos europeus, os detentores do poder, era a católica. Era a única que possuía uma estrutura organizada e tinha que ser oficial e professada em público. Porém, permaneciam ainda certas crenças africanas.³³

Então, aí é que residia a acção pastoral da Igreja Católica, dedicando-se todo o seu esforço aos cuidados das almas, preparando-as para a vida eterna, combatendo-se contra práticas culturais/religiosas africanas, que os jesuítas designavam de “feitiçarias, agouros, grandes superstições e enganar ao diabo.”³⁴

Como referi anteriormente os primeiros povoadores reinóis trouxeram consigo as suas crenças e práticas religiosas, objectos sagrados como cruzeiros e viviam a religião à moda europeia. Preocuparam-se com as construções de ermidas e capelas onde realizavam as cerimónias religiosas. Esse modo de viver, foi sendo, com o tempo, assimilado pelos dois grandes grupos sociais em presença: o dos senhores e dos escravos.

A acção da igreja, na pessoa dos padres, tinha como a principal missão a pregação, a conversão dos gentios, praticavam as obras pias de misericórdia, e dedicavam-se ao ensino. “D. Frei Francisco da Cruz ensinava e ordenou que se ministrasse doutrina aos escravos, tendo fundado uma escola de primeiras letras, gramática e moral.”³⁵

Os sacerdotes saíam pelas ruas e pregavam. Confessavam pelas fazendas, doutrinavam e catequizavam por todos os lugares acessíveis, mesmo aos escravos-mercadorias nos navios passageiros. Portanto, a acção da igreja não recaía apenas ao espaço urbano, onde se concentrava a grande parte da população.

Havia uma certa preocupação, por parte da igreja, em relação às freguesias das ilhas adentro, que se revelavam como uns dos principais quadros de integração social, onde se desenrolava a vida quotidiana nos seus muitos e pequenos eventos, como o nascimento, o baptismo, a festa da padroeira etc.

É também nas freguesias que viviam escravos e forros. E nesse espaço, a igreja não teve apenas um papel religioso, uma vez que, na ausência de instituição da administração pública e civil, ela serviu como cura da freguesia e o gestor da vida comunitária. Era a única instituição de registo das freguesias, não só dos nascimentos, mortalidades e

³³ Cf. SANTOS, Maria Emília Madeira e SOARES, Maria João. *Igreja Missionação e Sociedade*. In: SANTOS, Maria Emília Madeira (coordenação)...op. cit. p. 454.

³⁴ Cf. SANTOS, Maria Emília Madeira e SOARES, Maria João. *Igreja Missionação e Sociedade*. In: SANTOS, Maria Emília Madeira (coordenação). *História Geral de Cabo Verde volume II*. Lisboa. Direcção Geral do Património Cultural de Cabo Verde, Praia. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, Instituto de Investigação Científica Tropical. 1995. p. 467.

³⁵ SEMEDO, Manuel Brito. **A Construção da Identidade Nacional – Análise da Imprensa entre 1877 e 1975**. Praia. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. 2006. p. 106.

sacramentos mas também dos registos cartoriais. Detinha ainda a grande influência social, o que lhe permitiu o controlo das actividades lúdicas, educacionais e sociais, para além da questão religiosa.

Era notória a função da igreja, sobretudo na pessoa dos Bispos que zelavam pelo funcionamento da carreira eclesiástica, no provimento de novos sacerdotes nas paróquias, no cumprimento dos actos litúrgicos, no ensino da doutrina católica aos escravos, para que pudessem receber o sacramento do baptismo.

1.1.3. A Igreja de Nossa Senhora do Rosário primeiro edifício sacro e grande referência da implantação da Igreja em Cabo Verde

A antiga Cidade da Ribeira Grande enquanto a sede da Diocese, ostenta numerosos edifícios religiosos que testemunham os seus tempos áureos.

Figura 1 – Igreja de Nossa Senhora do Rosário



Fonte: João Fagundes - Ribeira Grande. A cidade Velha. In Oceanos. Lisboa, 1990. p. 81.

Desses elementos da cultura material apenas restam ruínas, com excepção da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a única que resistiu ao tempo e ao abandono.

É a mais antiga da ilha e do arquipélago, e merece uma referência de destaque não só pelo papel que desempenhou na historiografia eclesiástica cabo-verdiana, como Igreja

matriz da paróquia de Nossa Senhora do Rosário, que no passado, constituiu um pólo de atracção e de alargamento da povoação, mas também como um legado arquitectónico importante, no contexto patrimonial cabo-verdiano.

Esse edifício encontra-se localizado numa plataforma elevada da antiga Cidade da Ribeira Grande, que retomou a sua designação de Cidade da Ribeira Grande de Santiago.

Em termos mais precisos situa-se concretamente a noroeste do núcleo urbano e no extremo norte da rua de Banana, identificada como uma das mais importantes da cidade no passado. Nessa rua encontramos “casas com paredes de pedra solta, sem reboco, caiada e com pavimento de terra batida. Cobertura de duas águas feitas de folhas secas e de cana sacarina e carriços (...) Na fachada uma porta ao centro e duas janelas.”³⁶

É uma das mais antigas e notáveis obras arquitectónicas portuguesas no ultramar, particularmente em Cabo Verde, e que testemunha a presença dos primeiros portugueses aqui fixados, enquanto homens civis e/ou religiosos. É também nesta Igreja que se encontram as pedras tumulares brasonadas, no adro do pavimento.

Segundo Daniel Pereira “a Igreja de Nossa Senhora do Rosário é, indubitavelmente, um dos edifícios mais antigos da Cidade Velha e de todo Cabo Verde. A sua beleza e estado de conservação são excepcionais, já que tem mais de 500 anos. Construída a partir de 1495, no começo terá sido uma capela gótica, de estilo manuelino. A chave da sua abóbada tem um selo que representa a cruz da coroa real portuguesa.”³⁷

Como obra artística, o historiador Pedro Dias descreve-a como uma igreja construída em duas fases: uma quando ainda vigoravam os modelos tardo-góticos e outra claramente maneirista, da segunda metade do século XVI.

É muito simples, de planta rectangular, de nave única e capela-mor, com capelas laterais. A frontaria está marcada por um belo portal maneirista, expresso no pronunciado alongamento desse alçado, conferindo-lhe elegância e magnificência. As portas mais simples, mas também de bom desenho abrem-se nas paredes de flanco.

No interior, sublinha Pedro Dias, “destacamos a capela lateral com arco de entrada ogival chanfrando de claro recorte tardo-gótico e a abóbada de nervuras, claramente manuelino, ornamentada com chaves onde se podem admirar as armas régias, a esfera armilar e a cruz de Cristo. É nesta Igreja que se pode ver a lápide em Lisboa da campa de

³⁶ CARVALHO, Maria Adriana Sousa. **O Objecto e a Escrita**. Praia. Cabo Verde Editora, Lda. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro de Cabo Verde. 2004. p. 11.

³⁷ PEREIRA, Daniel. **A importância Histórica da Cidade Velha (Ilha de Santiago Cabo Verde)**. S. Paulo. Edição Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. 2004. p. XXII.

Cristóvão Cabral e de sua mulher, datada de 1607, aliás, tudo quanto era de qualidade, em pedra mármore ou liós, tinha de ser mandado do reino, tal como os ornamentos, alguns dos quais se conservam na nova catedral e em algumas igrejas paroquiais.”³⁸

Conforme Célia Matias e outros autores, trata-se de uma “construção de alvenaria de pedra e cal com paredes autoportantes, reforçada por dois contrafortes na fachada Sul, cantaria de pedra nos cunhais, vãos e porta principal e cobertura de telha de cerâmica Marselha, sobre estrutura de asnas simples de madeira, sem forro.”³⁹

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário, padroeira da confraria dos homens pretos da Cidade teria sido mandada construir pelos confrades desta irmandade, que dispunham de meios financeiros provenientes de esmolos, instalações próprias, bandeiras distintivos etc.⁴⁰ Essa Igreja teve um esplendor relativamente curto, pois foi alvo de saque por parte dos piratas que frequentemente assaltavam os edifícios da Ribeira Grande à procura de riquezas.

³⁸ DIAS, Pedro. **História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822), O espaço Atlântico**. Navarra. 1999. p. 117.

³⁹ MATIAS, Célia, CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da; COSTA, Anouk Faria da; CARVALHO, José Maria Lobo e FERREIRA, Teresa de Deus. *Inventário do Património Arquitectónico da Cidade Velha (Santiago, Cabo Verde)*. In: **Africana Revista**. N.º 6. Porto. Centro de Estudos Africanos e Orientais da Universidade Portucalense. 2000. p. 148.

⁴⁰ Cf. SANTOS, Maria Emília Madeira e SOARES, Maria João. *Igreja Missionação e Sociedade*. In: SANTOS, Maria Emília Madeira (coordenação). *Historia Geral de Cabo Verde volume II*. Lisboa. Direcção Geral do Património Cultural de Cabo Verde, Praia. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, Instituto de Investigação Científica Tropical. 1995. p. 432.

CAPÍTULO II

2. A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Graça

A Igreja de Nossa Senhora da Graça constitui uma referência, enquanto obra artística e patrimonial, no conjunto arquitectónico da Cidade da Praia, e como edifício cristão mereceu prestígio, aquando da visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde.

2.1.Origens (argumentos históricos e justificativos)

Um dos objectivos da empresa expansionista portuguesa, foi a difusão da fé cristã, que, no decurso da segunda expansão europeia entre 1875 e 1920, prosseguiu ao lado do desenvolvimento económico, político e cultural. Daí ter sido notória a existência, no século XIX, nas colónias do ultramar, um grande fervor religioso, que vigorava em Portugal de então.

A Igreja de Nossa Senhora da Graça figura-se como uma “arquitectura religiosa carregado de simbolismo, próprio do seu carácter espiritual e beleza, ainda que expressa

mais na sobriedade do que no arrojo decorativo, impunha-se como importante instrumento de propaganda e afirmação dos ideais católicos”.⁴¹

Muitos foram os factores, que estiveram na origem da construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Graça: com a consumação definitiva da ruína da Cidade Velha, o povoado da Praia “nasceu muito modestamente, no século XVI, aquela que viria a ser a capital da província de Cabo Verde, em substituição da moribunda Ribeira Grande.”⁴²

Crescia, acolhendo os habitantes da então capitania de Alcatraz, e os da Ribeira Grande, que, devido a grande instabilidade reinante, e as várias epidemias foram se instalando no planalto sul de Santa Maria de Esperança.⁴³

É de se salientar também, a condição do porto da Vila da Praia de Santa Maria que até então, era tida como a força motriz do desenvolvimento sócio-económico, cultural e religioso do país, e que constituiu um factor de grande relevância na atracção e na fixação da população para essa Vila.

Na opinião do historiador Correia e Silva, “não existe processo de vulto na história de Cabo Verde que não seja despoletado pela dinâmica portuária”.⁴⁴ E a Igreja foi atraída por essa dinâmica, para cuidar das almas.

Daí que, Padre Francisco de Deus Duarte partilha de que, “a nascente povoação progrediu tão rapidamente, que 35 anos depois, isto é, em 1555, se edificou no sitio onde, se construiu um parque infantil, uma igreja coberta do colmo, sob a invocação de Nossa Senhora da Graça, ficando assim fundada a freguesia, que foi provida de pároco.”⁴⁵

Essa igreja era inicialmente uma construção térrea, de pedra e barro e coberta de palha. Com o decorrer do tempo, sobretudo com o crescimento populacional, e no sentido de satisfazer aos anseios dos povoados que se faziam sentir na Praia, o governador Chapuzet ordenou a reconstrução daquela igreja, passando a ser de cal e coberta de telha⁴⁶.

⁴¹GOMES, Lourenço. *Comunicações intitulas: Importância histórica e patrimonial da Igreja Matriz da Praia*, apresentada às Jornadas Luso-Caboverdianas de História, Ciências Sociais e Relações Internacionais. Porto. Universidade Portucalense. 2004. p. 5.

⁴² AMARAL, Ilídio do. **Santiago de Cabo Verde. A Terra e os Homens**. Lisboa. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. Centro de estudos geográficos da Universidade de Lisboa. Instituto de Investigação Científica Tropical. 2007. p. 327.

⁴³ Nome proveniente de uma ermida com essa invocação que, ainda no século XVII, se via no sopé desse planalto.

⁴⁴ Silva, António Correia e. **Combates pela História**. Praia. Speen – Edições. 2004. p. 152.

⁴⁵ DUARTE, Padre Francisco de Deus. In: **Boletim de Propaganda e Informação**. N.º 4. Ano I. pg. 16.

⁴⁶ VIEIRA, Santa Rita. *A Igreja de Nossa Senhora da Graça*. In: PEREIRA, Padre Pimenta (coordenação). *Paróquia de Nossa Senhora da Graça*. Praia. Edição do grupo João Paulo II. 1995. p. 20.

No entanto, justificava-se a construção de uma nova igreja, na segunda metade do século XIX, concretamente no ano de 1894, por se considerar a antiga igreja, de mesquinha para uma capital acanhada, e a contrastar-se de maneira evidente com as igrejas que tinham existido na antiga capital, Ribeira Grande, das quais, ainda estava em funcionamento, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário.⁴⁷

Também “alertava-se que na capital havia um só templo que, pelas suas dimensões e outras circunstâncias, estava longe de satisfazer as necessidades de culto.”⁴⁸

Outros argumentos que estiveram na origem da construção da Igreja Matriz, na opinião do Dr. Santa Rita Vieira, foram, porque ela se encontrava num estado deplorável de conservação, e a cobertura de todo o edifício ameaçava um próximo desabamento.⁴⁹ A primeira acção concreta para a construção da nova Igreja na cidade da Praia data-se 1878.

No B.O. n.º 49/1882, citado pelo Padre Pimenta Pereira, no seu livro *Paróquia de Nossa Senhora da Graça – 1983-1993* – vem explícito que, António de Castilho, secretário-geral do Governador publicou uma circular em que convidara todos aqueles que quisessem, podiam subscrever para a construção de uma nova Igreja na cidade da Praia. E neste sentido, em 1878, um grupo de senhoras da Cidade, tinha reunido e organizado uma comissão com o fim de se obter donativos para serem empregues para a construção de um templo naquela capital.⁵⁰

Então, para que tal viesse acontecer, foi autorizada pela portaria provincial n.º 157 de 9/V/1885, sob o parecer técnico da Direcção das Obras Públicas, a compra de terreno e de alguns pardieiros pertencentes ao Banco Nacional Ultramarino.⁵¹

Já nos finais do século XIX, mais concretamente no ano 1894, sob o impulso do Governador da Província, o Visconde Alexandre Alberto da Rocha Serpa Pinto, iniciou-se a construção da actual Igreja de Nossa Senhora da Graça.

⁴⁷ VIEIRA, Santa Rita...op. cit. p. 20.

⁴⁸ GOMES, Lourenço. *Comunicações intitulas: Importância histórica e patrimonial da Igreja Matriz da Praia*, apresentada às Jornadas Luso-Caboverdianas de História, Ciências Sociais e Relações Internacionais. Porto. Universidade Portucalense. 2004. p. 6.

⁴⁹ VIEIRA, Santa Rita. *A Igreja de Nossa Senhora da Graça*. In: PEREIRA, Padre Pimenta (coordenação). *Paróquia de Nossa Senhora da Graça*. Praia. Edição do grupo João Paulo II. 1995. p. 23.

⁵⁰ VIEIRA, Santa Rita. *A Igreja de Nossa Senhora da Graça*. In: PEREIRA, Padre Pimenta (coordenação). op. cit. p. 23.

⁵¹ Boletim Oficial. n.º 20/1885. p. 120.

“As obras da nova igreja só puderam ser concluídas em 1902, já sob o governo de Guedes rebelo. No dia 15 de Agosto de 1902, pelas 10 horas da manhã, uma linda procissão saiu lentamente da velha igreja e entrou triunfante na Igreja Nova, conduzindo todas as imagens dos santos, entre as quais encontrava a actual de Nossa Senhora da Graça, bela escultura do século XVII, e todos os paramentos e objectos sagrados”⁵²

2. 2 A abordagem artística

2.2.1. Localização e descrição dos aspectos exteriores

A Igreja de Nossa Senhora da Graça está situada no coração da cidade, zona histórica da Praia nas proximidades sul do Planalto que configura o centro da cidade, mais concretamente no lado oriental da Praça Alexandre Albuquerque como se pode ver na figura.

Possui as seguintes coordenadas: A Norte confronta-se com a Rua Dr. Júlio de Abreu, que separa a Igreja do Palácio da Justiça; a Sul, com o edifício particular antecedido da Rua Fontes Pereira de Melo; a oriente, corta-lhe a cabeceira, a Rua Andrade Corvo; e, a ocidente e entrada principal tem a Rua Serpa Pinto e Praça.⁵³

Figura 2 – A localização da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Graça

⁵² PEREIRA, Padre Pimenta. *Dados históricos sobre a Igreja de Nossa Senhora da Graça*. In: PEREIRA, Padre Pimenta (coordenação). *Paróquia de Nossa Senhora da Graça*. Praia. Edição do grupo João Paulo II. pp. 33-34.

⁵³ GOMES, Lourenço. *Comunicações intituladas: Importância histórica e patrimonial da Igreja Matriz da Praia*, apresentada às Jornadas Luso-Caboverdianas de História, Ciências Sociais e Relações Internacionais. Porto. Universidade Portucalense. 2004. p. 8.



Fonte: Lourenço Gomes e Betinho, (Foto Pingo D'Oro) Maio de 2009

Possui as seguintes coordenadas: A Norte confronta-se com a Rua Dr. Júlio de Abreu, que separa a Igreja do Palácio da Justiça; a Sul, com o edifício particular antecedido da Rua Fontes Pereira de Melo; a oriente, corta-lhe a cabeceira, a Rua Andrade Corvo; e, a ocidente e entrada principal tem a Rua Serpa Pinto e Praça.⁵⁴

É uma construção do século XIX, marcada por uma linguagem arquitectónica com características que demonstram uma clara herança do passado, o estilo Neoclássico.⁵⁵

Segundo o arquitecto Pedro Gregório Lopes, a Igreja de Nossa Senhora da Graça corresponde a uma construção em forma de um T.⁵⁶

No entanto, "pode parecer uma cruz se imaginarmos a observá-la de cima, visto que a torre sineira prova um ligeiro alongamento da parte central da cabeceira"⁵⁷

Figura 3 – Cabeceira (alongada ligeiramente pela presença da torre sineira)

⁵⁴ GOMES, Lourenço. *Comunicações intitulas: Importância histórica e patrimonial da Igreja Matriz da Praia*, apresentada às Jornadas Luso-Caboverdianas de História, Ciências Sociais e Relações Internacionais. Porto. Universidade Portucalense. 2004. p. 8.

⁵⁵ Corrente estética que se afirmou nos séculos XVIII-XIX. É uma forma de arquitectar, construir e decorar que busca no renascimento e no império romano a inspiração para o tratamento de volumes e articulações no domínio da construção e arquitectura.

⁵⁶ LOPES, Pedro Gregório. *Uma leitura simbólica, não forçosamente arquitectónica*. In: PERREIRA, Padre Pimenta (coordenação). *Paróquia de Nossa Senhora da Graça*. Praia. Edição do grupo João Paulo II. p. 29.

⁵⁷ GOMES, Lourenço. *Comunicações intitulas: Importância histórica e patrimonial da Igreja Matriz da Praia...op. cit. p. 9.*



Fonte Cibrão Amado (foto Cibrão Amado) Praia, 2009

De comprimento mede 28 metros; 12 de largura e 10,5 de altura. A sua disposição estende no sentido Leste/Oeste (o de maior extensão) e os braços do transepto alinham o Norte com o Sul, com porta principal destacada no lado Ocidental da Igreja. Nesta óptica pode-se afirmar que a sua planta é de cruz latina, à semelhança das igrejas cristãs antigas, do estilo românico.

“O corpo da Igreja consiste numa nave única, a fundir-se com o transepto. Esta união forma um cruzeiro no lado oriental do edifício. Na extremidade e ao centro emerge uma torre sineira que prolonga a edificação a nascente e completa a cruz latina”⁵⁸

Em termos de materiais construtivos, a obra é uma estrutura de alvenaria de pedra e cal, com cobertura de telha de cerâmica marselhesa.

A cobertura assenta sobre uma estrutura de cume de madeira, concebida para um telhado a quatro águas, a assemelhar-se com a da Igreja de Nossa Senhora do Rosário da Cidade Velha, antiga Ribeira Grande, construída no século XVI.

⁵⁸GOMES, Lourenço. *Comunicações intituladas: Importância histórica e patrimonial da Igreja Matriz da Praia*, apresentada às Jornadas Luso-Caboverdianas de História, Ciências Sociais e Relações Internacionais. Porto. Universidade Portucalense. 2004. p. 11.

A fachada principal é dividida na sua largura, em três partes: a central e duas laterais. A parte central apresenta a entrada principal da igreja, ou seja o portal principal, que é desenhado com linhas muito afinadas, e encimado por um frontão em volta redonda abatida.

Figura 4 – A Igreja de Nossa Senhora da Graça



Fonte Cibrão Amado (foto Cibrão Amado) Praia, 2007

Acima do portal, encontra-se um janelão sobrepujado por um frontão triangular, que traz em cima, a monumental cruz de mármore que é o “o coroamento mais importante do edifício(...), provavelmente terá sido pertença do complexo religioso edificado da Sé da cidade velha, nomeadamente das torres.”⁵⁹

As partes laterais são simétricas, e apresentam também janelões, sendo os de nível térreo rematados por frontão triangular, e dotados de cantarias,⁶⁰ de molduras simples, tanto ao nível do peitoril,⁶¹ como também das jambas.⁶² Os de cima trazem os lintéis em arcos.

Em cima desses lintéis encontramos os sobre arcos de volta perfeita e apresentam moldura (de modelação lisa, de secção quadrangular e simples), ressaltada do plano da parede.

⁵⁹ FIGUEIRA, Luís Mota. **Igreja de Nossa Senhora da Graça Sé Catedral da Cidade da Praia da Ilha de Santiago Cabo Verde (Subsídios para um Guia da visita e Interpretação)**. Tomar. 2008. p. 24.

⁶⁰ Peças em pedra talhada, sob desenho em formato regular ou irregular através do prévio traçado e desbaste

⁶¹ É a pedra que fica colocada na base horizontal da janela e que permite apoio a quem se debruça nela para observar o exterior

⁶² São as pedras de cantaria que limitam a largura do vão da porta ou da janela e se apoiam inferiormente no peitoril, recebendo superiormente o lintel da janela.

Ainda nesta fachada, se pode notar a cornija,⁶³ interrompida pela base do frontão triangular fechado e encimado por remates decorativos de nomes forageus⁶⁴ que marcam os eixos verticais das quatro pilastras.⁶⁵

No corpo inferior da construção está a porta principal de entrada, cujo lintel assegura a aplicação de duas misulas⁶⁶ em forma de S, situados nos topos superiores laterais das umbreiras, e sustentam o frontão em volta redonda abatida.

Esta porta é “de madeira pintada de vermelho e apresenta com molduras e almofadas em campos relvados e dentro de uma estética neoclássica que permaneceu nas intervenções de restauro após 1902, data da inauguração da igreja”⁶⁷.

Segundo o historiador acima citado, numa das almofadas da referida porta teria sido colocada a lista dos construtores deste templo. Reforça esta ideia o Mestre Lourenço no seu trabalho, em que destaca o seguinte:

“Há uma curiosidade interessante sobre a porta evidenciada pelo Padre Pimenta eminente figura da Igreja católica cabo-verdiana e autor de alguns trabalhos sobre a historia desta Igreja. (...) Na conversa livre especulou essa eminente personalidade um pouco sobre a história da hipotética participação do Manuel Ramones, um hábil canteiro e degredado, provavelmente de origem espanhola, conhecido do público por Manuel Romão. Este senhor terá introduzido dentro de uma das almofadas da dita porta pergaminhos com seu nome e de restantes trabalhadores.”⁶⁸

O sistema de condução das águas pluviais para o exterior é conseguido através das gárgulas⁶⁹ em tubos de circular simples dispostos ao longo perímetro de todo o beirado.

⁶³ Coroamento superior do edifício que apresenta com desenhos ou relevos modelados na superfície frontal do murro.

⁶⁴ Remates decorativos, colocados por cima de cunhais e de pilastras.

⁶⁵ Elementos verticais da estrutura estática do edifício, com função suportante e resistente da caixa murária e apresentam-se sempre embebidas na parede. Tem uma função mista de elementos da construção e da decoração do espaço arquitectónico.

⁶⁶ Elementos construtivos, que ficam salientes da parede e que servem de apoio a outros elementos construtivos.

⁶⁷ FIGUEIRA, Luís Mota...op. cit. p. 13.

⁶⁸ GOMES, Lourenço. *Comunicações intituladas: Importância histórica e patrimonial da Igreja Matriz da Praia*, apresentada às Jornadas Luso-Caboverdianas de História, Ciências Sociais e Relações Internacionais. Porto. Universidade Portucalense. 2004. p. 11.

⁶⁹ Peças que recolhem as águas das chuvas e as conduzem directamente para o exterior do edifício, vertendo-as o mais longe possível das paredes do edifício, protegendo-o.

O alçado lateral direito é tal como o seu simétrico e muito simples. Neles, a fachada lateral da obra é geralmente mais sóbria que a fachada frontal.

No nível inferior, encontramos duas portas opostas e à mesma distância da frontaria. “São portas de serviço e não ostentam qualquer adorno que a façam elevar para portas com significado mais profundo”⁷⁰.

No nível superior desses alçados laterais, destacam-se um conjunto de doze janelas, sendo seis de cada lado, cuja finalidade é a de servirem a iluminação natural, requerida pelo edifício segundo a prática litúrgica. No centro de cada janela está uma cruz.

Estes alçados exibem ainda dois anexos, cobertos com telhados a quatro águas e que não faziam parte da obra no seu início. Foram acrescentados “durante a década de setenta do século passado, a fim de solucionar o problema da falta do espaço para as celebrações religiosas”⁷¹.

Convém sublinhar que apesar de terem sido construídos esses dois dependentes se poderá constatar, que ainda hoje, o espaço é pequeno para as celebrações religiosas, principalmente na época pascal e natalícia.

Na fachada posterior, no fundo da cabeceira desponta a torre sineira. Ela é dotada de dois níveis. O primeiro, apresenta uma porta que comunica directamente com a rua, e encimada por uma janela. O segundo nível é mais decorado, apresentando a fresta do sino nas suas quatro faces.

A cobertura da torre é feita em abóbada de tijoleira, rebocada, caiada e rodeada de quatro forageus ornamentais, pináculos, e, terminada por uma pequena cruz metálica.

2.2.2 As características internas

Ao entrarmos na Igreja, logo no hall, encontramos o guarda-vento que é constituído por uma armação de madeira enchida com rectângulo com molduras simples e sem relevo. Ainda no hall, à esquerda, para quem entra, situa-se uma sala, onde se prestam alguns

⁷⁰ FIGUEIRA, Luís Mota. **Igreja de Nossa Senhora da Graça Sé Catedral da Cidade da Praia da Ilha de Santiago Cabo Verde (Subsídios para um Guia da visita e Interpretação)**. Tomar. 2008. p. 32.

⁷¹ FIGUEIRA, Luís Mota op. cit. p. 34.

serviços da igreja. À direita fica uma caixa de escada e a respectiva escadaria que dá acesso ao coro⁷²

Figura 5 – O Altar-mor e o Trono



Fonte Cibrão Amado (foto Cibrão Amado) Praia, Agosto de 2009

Ao penetrarmos no interior do edifício, deparamo-nos com o Altar-mor⁷³ ao fundo, na cabeceira, que se apresenta a um nível mais elevado em relação ao piso geral da igreja, e é sustentado por uma série de colunas pequenas, de formato cilíndrico.

No centro desse Altar, encontra-se o Sacrário,⁷⁴ que apresenta, como uma miniatura de um templo. Por cima deste Altar, encontra-se o grande nicho principal que alberga o escadório e o trono⁷⁵, onde repousa Cristo em Cruz, como se pode ver na gravura que se segue.

⁷² Coro é o espaço onde o grupo coral se instala para, com cânticos, animar a celebração eucarística.

⁷³ Altar principal da igreja.

⁷⁴ É um pequeno tabernáculo onde se guarda o santo cibório quando contem partículas sagradas.

⁷⁵ Trono é um esquema de fundo de altar que é constituído em degraus e em cujo topo mais alto se coloca a Eucaristia ou uma imagem de uma figura da igreja.

A única e grande nave é separada do transepto pelo grande arco triunfal ou arco de cruzeiro, como pode ser observado na figura em baixo. A nave está mobilada na disposição tradicional das igrejas cristãs.

Figura 6 – O Arco triunfal ou Arco de cruzeiro



Fonte: Lourenço Gomes e Betinho, (Foto Pingo D'Oro) Maio de 2009

Este arco, em semi círculo é concebido por pedras talhadas em cunha, até serem contraídas por uma pedra a funcionar como uma chave⁷⁶, que é o remate decorativo mais importante do arco.

Os dois anexos, anteriormente referidos, fazem a transição para a capela-mor, através do arco abatido.

Ao fundo, a parede fundeira, traz um grande frontão triangular, que encima o altar-mor. Apresenta quatro portas, sendo as duas que dão acesso ao nicho central, estão encimadas por dois pequenos nichos, que asseguram a exposição das imagens de Nossa Senhora da

⁷⁶ A chave é o elemento central que vai fazer o encaixe das diferentes pedras talhadas em cunha sobrepostas até ter contornos de um arco.

Graça, a padroeira, do lado esquerdo ou lado do Evangelho, e de São José do lado direito ou lado da epístola. As outras dão acesso à varanda da cabeceira.

Os altares laterais da igreja são, o do lado esquerdo da nave, dedicado à Ascensão de Jesus Cristo, e acompanhado de uma escultura invocando o Sagrado Coração de Jesus, e o da direita, sob a invocação de Nossa Senhora com o Menino, tendo por centro do altar a imagem esculpida de Nossa Senhora de Fátima.

2.2.3 Análise simbólico-formal da obra

Para a análise desta obra arquitectónica, baseamo-nos em UP-JOHN e outros⁷⁷, que sugerem o método de uma análise expressiva ou simbólica, associada à leitura formal da obra artística.

Do ponto de vista expressivo a construção da Igreja de Nossa Senhora da Graça, em forma de uma cruz, inspira a vista do Céu, e parece “um homem deitado ou projectado de braços abertos na terra.”⁷⁸

Essa forma de construção que a obra apresenta, é carregada de muito significado, pois, encarna o sofrimento e a morte de Cristo na Cruz, e também a essência das Igrejas Cristãs de todos os tempos.

No aspecto formal, nota-se uma beleza e uma estética nesta Igreja, associadas a simplicidade e sobriedade que marcaram os edifícios a partir do século XVIII. “Estas características representam o ambiente da classe burguesa que habitava a cidade no século XIX.”⁷⁹

A leveza da fachada principal contrasta-se com as ornamentações que normalmente alastram em aparente agitação decorativa evidenciadas em regra nos edifícios tipicamente barrocas⁸⁰

⁷⁷ UP-JOHN e outros. **História Mundial da Arte**. Lisboa. 1992. pp. 10-29.

⁷⁸ LOPES, Pedro Gregório. *Uma leitura simbólica, não forçosamente arquitectónica*. In: PERREIRA, Padre Pimenta (coordenação). Paróquia de Nossa Senhora da Graça. Praia. Edição do grupo João Paulo II. p. 29.

⁷⁹ GOMES, Lourenço. *Comunicações intituladas: Importância histórica e patrimonial da Igreja Matriz da Praia*, apresentada às Jornadas Luso-Caboverdianas de História, Ciências Sociais e Relações Internacionais. Porto. Universidade Portucalense. 2004. p. 14.

⁸⁰ ALMEIDA, José A. Ferreira de. (Coord.). *Tesouros Artísticos de Portugal*. Lisboa. 1976. Selecções Reader's Digest. p. 632.

Os dois alçados laterais são simétricos, e apresentam um equilíbrio axial, dado pelo mesmo número de janelas de um lado e do outro. As duas portas que dão acesso ao nicho central, bem como os dois nichos (que albergam as imagens de Nossa Senhora da Graça e de S. José) distam de modo equidistante do altar-mor e da imagem de Cristo na Cruz, situados num ponto central. (gravura 6)

Na frontaria desta igreja, pode-se notar a marcação da vertical, pela aplicação de pilastras⁸¹ No mesmo alçado é notória a relação proporcional entre o portal principal e os janelões laterais.

“No tímpano do frontão, que encima o portal central, se plasma o anjo da guarda, figura de decoração barroca, que aparece serenamente esculpida, e numa atitude de olhar em frente.”⁸²

A aplicação do anjo preenche o espaço mais central do tímpano dando um significado litúrgico singular, segundo o historiador Luís Figueira. Ainda na opinião deste, essa figura do anjo traz um olhar que vem do interior, atraindo o passante do mundo exterior, convidando-o para entrar. Na opinião do arquitecto Pedro Gregório, sendo um Guardião, “é o próprio anjo a dizer que aí não se deve penetrar como quem entra num cinema ou numa sala de reunião: é sagrado, porque guardado.”⁸³

Do ponto de vista simbólico a Igreja é tida como um lugar de transformação espiritual. Há em todo o espaço um sentido de calma progressão. Nota-se que, quanto mais se aproxima do Altar-mor, os planos são mais altos e culmina com a escadaria do Trono, que dá a ideia de ascensão.

As janelas do andar superior, principalmente as do alçado principal, desempenham a função de verdadeiros clerestórios, na medida em que permitem a passagem da luz, iluminando o interior do templo. A proliferação de cruzeiros em todo o edifício, reflecte a espiritualidade, a essa casa de Deus.

⁸¹ Elementos verticais de estrutura estática do edifício embebidos na parede, e com funções suportante e resistente da caixa muraria e também decorativa.

⁸² FIGUEIRA, Luís Mota. **Igreja de Nossa Senhora da Graça Sé Catedral da Cidade da Praia da Ilha de Santiago Cabo Verde (Subsídios para um guia de visita e interpretações)**. Tomar. 2008. p. 22.

⁸³ LOPES, Pedro Gregório. *Uma leitura simbólica, não forçosamente arquitetónica*. In: PERREIRA, Padre Pimenta (coordenação). Paróquia de Nossa Senhora da Graça. Praia. Edição do grupo João Paulo II p. 30.

A imponentia do tecto e a sua forma abobadada, faz-nos lembrar os tectos das primeiras Igrejas Românicas, o que nos leva a perceber, que ficou na memória como continuidade, soluções arquitectónicas do passado, ainda que de modo simbólico⁸⁴

O edifício, é todo ele geometrizado: a projecção rectangular do mesmo; o quadrado das molduras dos tectos e os motivos da torre sineira; o triângulo dos frontões e o das duas águas extremas da cobertura; as configurações esféricas ou semicirculares verificadas no frontão que coroa todo o edifício, nos arcos das janelas, dos nichos e do cruzeiro; etc.

Para o arquitecto Pedro Gregório, “Deus geometrizou ao criar tudo o que existe.”⁸⁵ Este simbolismo está patente, na forte geometrização, das diferentes formas acima referenciadas, que dão a construção um certo equilíbrio simétrico, e uma harmonia, na medida em que, as partes do todo se complementam.

Ao entrarmos nessa Igreja, sentimos, em todo espaço, uma sensação de calma e um ambiente de beleza, retratada não só, nos elementos decorativos de inspiração naturalista (motivos vegetalistas), como também, a predominância de figuras bíblicas, quer sejam imagens de Jesus Cristo, de Santos, quer sejam pinturas dos nichos e capelinhas.

Ainda, é notório os vários relevos, e as colunas clássicas, com os seus capitéis e entablamentos.

A completar a beleza interior, associada ao carácter espiritual do interior da Igreja, destacam-se: à direita, a estatueta de Nossa Senhora de Fátima, e à esquerda a imagem do Sagrado Coração de Jesus, onde aparece Cristo ao Céu e em baixo os doze apóstolos.

A imagem 7, mostra-nos a Santa “a destacar-se pela roupagem, aparentando um volume pesado, e a ostentar uma expressão facial de algo irreal e de alguém que não é deste mundo”⁸⁶

⁸⁴ GOMES, Lourenço. *Comunicações intituladas: Importância histórica e patrimonial da Igreja Matriz da Praia*, apresentada às Jornadas Luso-Caboverdianas de História, Ciências Sociais e Relações Internacionais. Porto. Universidade Portucalense. 2004. p. 16.

⁸⁵ LOPES, Pedro Gregório. Uma leitura simbólica, não forçosamente arquitetónica. In PERREIRA, Padre Pimenta (coordenação) *Paróquia de Nossa Senhora da Graça. Praia. Edição do grupo João Paulo II.* p. 30.

⁸⁶ GOMES, Lourenço. *Comunicações intituladas: Importância histórica e patrimonial da Igreja Matriz da Praia...* op. cit. p. 17.

Figura 7 – Estatueta de Nossa Senhora de Fátima



Fonte Cibrão Amado (foto Cibrão Amado) Praia, Agosto de 2009

Na sua essência é uma típica figura bíblica, com raízes nas primitivas imagens difundidas pelo cristianismo. Está enquadrada por uma pintura da Virgem com o seu menino, simbolizando a maternidade, e os anjos em ascensão, que poderá ser traduzido como caminho que está reservado aos mortais

A figura em baixo mostra-nos o altar lateral esquerdo da nave, que apresenta a imagem escultórica do Sagrado Coração de Jesus e em pintura, a Ascensão de Jesus Cristo aos céus, aos olhos dos discípulos, com os braços abertos, como que abrir o seu coração à humanidade.

O ar triunfal, com uma perna avançar, tem o mesmo dinamismo que é característico na “Vitória de Samutrácia (cerca de 200-190 a C), célebre estátua clássica grega”⁸⁷

⁸⁷ UP-JOHN e outros. **História Mundial da Arte**. Lisboa. p. 251.

Figura 8 – Imagem do Sagrado Coração de Jesus



Fonte Cibrão Amado (foto Cibrão Amado) Praia, Agosto de 2009

Pode ser lido nos gestos dos doze apóstolos, a esperança dos homens, numa próxima vinda, pois, num plano inferior, e de olhos aos céus acompanham a subida triunfal de Cristo.

2.3. Um acontecimento importante na história da Igreja em Cabo Verde: visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde em 1990

Achamos importante fazer referência, neste capítulo, da visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde, de 25 a 27 de Janeiro de 1990⁸⁸, uma vez que, a Igreja de Nossa Senhora da Graça, foi um dos locais onde o Santo Padre teve encontro com os cristãos católicos (o reverendíssimo Bispo de Cabo Verde, os sacerdotes, as religiosas e os leigos).

“Efectivamente os cabo-verdianos – católicos e não católicos – viram deste modo transformar-se em realidade, um sonho há muito acalentado, e que só foi possível concretizar-se num Cabo Verde independente: receber a visita do Pastor Supremo da Igreja Católica”.⁸⁹

Figura 9 – Chegada do Papa à ilha do Sal



Fonte: Direcção das Edições Voz di Povo – Visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde. Praia, 1990, p. 5.

⁸⁸ O povo de Cabo Verde viveu com a visita pastoral efectuada a este pequeno pedaço de África por Santidade, o Papa João Paulo II, de 25 a 27 de Janeiro de 1990, um dos momentos mais transcendentos da sua história

⁸⁹ Direcção das Edições Voz di Povo. **Visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde 25 a 27 de Janeiro de 1990.** Praia. 1990. p. 3

Os dias que antecederam a chegada do desejado visitante, foram vividos em clima de expectativa eufórica e de intensos preparativos, desde a capital aos locais mais escondidos do país.

“Benvindo João Paulo II/Estas ilhas desde há muito te esperam”⁹⁰, era cartão de boas vindas ao Santo Padre.

No dia 25 de Janeiro de 1990, chegou à ilha do Sal, num dos aviões dos TACV, a Sua Santidade, o Papa João Paulo II. À sua chegada, no aeroporto internacional Amílcar Cabral, foi recebido pelo Reverendíssimo Bispo da Diocese de Cabo Verde, D. Paulino Livramento Évora, representantes da autoridade nacional e local e o povo cristão salense, que de todos os cantos da ilha ocorreu em massa ao aeroporto.

Ansiosamente aguardava-se aquele que D. Paulino Évora saudou com estas palavras bíblicas: Bendito aquele que vem em nome do Senhor (Mt. 21, 9).⁹¹

Sendo o povo cabo-verdiano, constituído por maioria católica, a visita do Papa, foi um momento ímpar para aqueles que tiveram a oportunidade de “se deleitarem com os conselhos, apelos e orientações do Pastor Universal da Igreja de Jesus Cristo.”⁹²

A visita do Santo Padre, concretizou-se nos finais do séc. XX, período em que, os valores morais da sociedade cabo-verdiana já vinham decaindo. Daí que, o Bispo D. Paulino, sublinhou na sua saudação ao Santo Padre, que os católicos ali presentes estão atentos a escutar os seus apelos habituais de “defensor intrépido da verdade, da justiça, da vida, da liberdade e de todos os demais valores morais e espirituais do homem e da humanidade e também as suas sábias orientações de guia e mestre insigne e experiente.”⁹³.

Com a expansão europeia, Cabo Verde entrou na rota das descobertas ultramarinas portuguesas. Uma das motivações, que estiveram na origem da expansão marítima portuguesa, foi a necessidade de levar a fé cristã aos povos desconhecidos ou considerados infiéis.

Todo o processo de colonização do arquipélago de Cabo Verde, esteve ligado à cristianização, à catequização e baptismo dos escravos, e posteriormente, à criação da Diocese.

⁹⁰ ⁹⁰ RAIMUNDO, Gabriel. *Na 45ª Visita Pastoral, no país mais católico do Continente Africano*. In: Jornal Voz di Povo. Praia. 1990. p. 4

⁹¹ Direcção das Edições Voz di Povo. **Visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde 25 a 27 de Janeiro de 1990**. Praia. 1990. pp. 5-6.

⁹² RAIMUNDO, Gabriel. *Na 45ª Visita Pastoral, no país mais católico do Continente Africano...*op. cit. p. 4.

⁹³ RAIMUNDO, Gabriel. *Na 45ª Visita Pastoral, no país mais católico do Continente Africano...*op. cit. p. 4.

Esta visita a Cabo Verde, traduziu-se num desejo, cujos motivos o Sumo Pontífice destacou na sua mensagem, de ser uma cristandade antiga, às portas do continente africano, e que há séculos caiu a semente do Evangelho, e os cabo-verdianos foram abrindo as portas ao Redentor.⁹⁴

Santo Padre ao saudar a população salense disse: “venho, pois, com alegria, lançar mais uma semente de fé, esperança e caridade, num sulco já aberto há tempos (...) Venho confirmar numa fé corajosa e irradiante estes meus irmãos e filhos de Deus, pelo baptismo.”⁹⁵

Entre a praça 12 de Setembro e o aeroporto, se formaram cordões humanos que agitavam bandeirinhas e apuravam a vista e a voz, para poderem abertamente expressar o seu contentamento ao Papa Peregrino.

Frente à saída central do aeródromo, nem a tabanca de Achada Grande quis faltar com o seu som animado de bombos e búzios, que mesmo assim foi abafado pelos cânticos da multidão presente, quando o aparelho dos TACV se preparava para aterrar.

Do avião, desceram cardeais e outros altos dignatários da comitiva, e depois o Papa João Paulo II, que mal pisou o solo se debruçou para o ósculo de humilde caminheiro.⁹⁶

No aeródromo Francisco Mendes, na cidade da Praia, foi realizada a cerimónia de recepção oficial ao Santo Padre, com as honras devidas a um chefe de Estado.

O discurso de boas vindas, foi proferido pelo então presidente da República de Cabo Verde Aristides Pereira,⁹⁷ que saudou a Sua Santidade o Papa João Paulo II com as seguintes frases: “É com maior júbilo que toda a Nação cabo-verdiana, dos mais recônditos recantos destas ilhas atlânticas à espalhada pela diáspora, nas quatro partidas do mundo, junta a sua voz à minha para, em uníssono, saudar e exprimir os mais calorosos e filiais votos de boas-vindas a Vossa Santidade, Mensageiro da Paz, da Esperança e da Reconciliação entre os homens”⁹⁸

⁹⁴ Jornal Tribuna/Nacional. *A palavra de Wojtyla*. Praia. 1990. p. 13.

⁹⁵ Direcção das Edições Voz di Povo. **Visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde 25 a 27 de Janeiro de 1990**. Praia. p. 9.

⁹⁶ RAIMUNDO, Gabriel. *Na 45ª Visita Pastoral, no país mais católico do Continente Africano...* op. cit. p. 5.

⁹⁷ Jornal Tribuna/Nacional. *Um Papa Cabo-verdiano*. Praia. 1990. p. 11.

⁹⁸ Direcção das Edições Voz di Povo...op. cit. p. 13.

O ex-chefe de Estado cabo-verdiano considerou a vinda do Santo Padre a Cabo Verde, como um gesto de reconforto e de confiança para a comunidade Católica cabo-verdiana. Acrescentou ainda, que esta visita enquadra-se numa série de tantas realizadas, pela Sua Santidade, aos países do martirizado continente africano. E que testemunha igualmente, a extrema solicitude do Santo Padre, para com os desertados da fortuna, aqueles que por todo o planeta, mais particularmente no 3º mundo e nesta nossa África, enfrentam ainda, o pesado fardo do subdesenvolvimento e suas desastrosas consequências.⁹⁹

Figura 10 - Discurso do Papa João Paulo II no aeródromo Francisco Mendes



Fonte: Direcção das Edições Voz di Povo - Visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde. Praia, 1990. p.15

João Paulo II foi promotor e defensor dos valores e medidas, que favorecem o surgimento de um mundo mais justo, pacífico, seguro, propício à realização integral do homem e à protecção do meio ambiente.

Assim, a criação da instituição Fundação João Paulo II para o Sahel, traduz as preocupações do Santo Padre quanto à sorte do homem africano, particularmente do da

⁹⁹ Cf. RAIMUNDO, Gabriel. *Na 45ª Visita Pastoral, no país mais católico do Continente Africano* In: *Jornal Voz di Povo*. Praia. 1990. p. 4.

zona saheliana e do seu ambiente natural.

Aristides Pereira, ao longo do seu discurso, fez referência às várias visitas pastorais do Papa como por exemplo a América Latina, a África do Sul e Ásia, na procura da paz para os homens, e de conforto para os oprimidos.

A vinda do Sumo Pontífice revelou-se importante, por se verificar numa altura, em que se constataavam, apesar de tudo, nítidos e promissores sinais de desanuviamento e distensão entre as grandes potências e nas relações internacionais. Também, o próprio o espírito de confrontação parecia ceder lugar ao diálogo construtivo. A política de desarmamento impunha-se pouco a pouco, e recorria-se cada vez mais às negociações pacíficas para resolver os conflitos regionais.¹⁰⁰

Ele foi um grande impulsionador na construção de um clima de paz e entendimento entre as nações, e a sua vinda ao nosso arquipélago foi um gesto de conforto e de esperança, na longa caminhada após a independência.

O Santo Padre, João Paulo II, foi um incansável defensor da vida e dignidade humanas. No seu discurso ao ex-presidente da República, Aristides Pereira, e aos demais membros do Governo, deixou bem claro que o seu desejo é ir ao encontro do homem situado num país determinado e com a sua circunstância concreta.

E que, é neste sentido, que quer colaborar para que prevaleça no mundo o verdadeiro sentido do homem, do seu autêntico desenvolvimento, e da indispensável solidariedade. E não cedendo perante sistemas ou ideologias que reduzem a sua dignidade de pessoa livre e responsável, criado à imagem e semelhança de Deus.¹⁰¹

Depois da brilhante e digna recepção que o Papa João Paulo II recebeu das autoridades civis, e do vibrante e entusiástico acolhimento do povo, chegara o momento em que o visitante foi acolhido por aqueles que, mais de perto trabalham com o Bispo na vinha do Senhor.

O templo de Nossa Senhora da Graça, foi um dos locais onde a Sua Santidade recebeu o acolhimento e a saudação dos sacerdotes do clero diocesano local, e de outras dioceses, sacerdote do clero religioso, religiosos e religiosas, cristãos leigos das trinta paróquias da Diocese e ainda seminaristas menores do seminário diocesano.

¹⁰⁰ Direcção das Edições Voz di Povo. *Visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde 25 a 27 de Janeiro de 1990*. Praia. 1990. p. 14.

¹⁰¹ Direcção das Edições Voz di Povo...op. cit. p. 17.

A Pró-Catedral (Igreja paroquial de Nossa Senhora da Graça), foi pequena para acolher todos os que se deslocaram com muita alegria, gozo e amor filial.

Figura 11 - Encontro do Papa com o Clero e Religiosos na Pró-Catedral



Fonte: Direcção das Edições Voz di Povo – Visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde. Praia, 1990. p. 20.

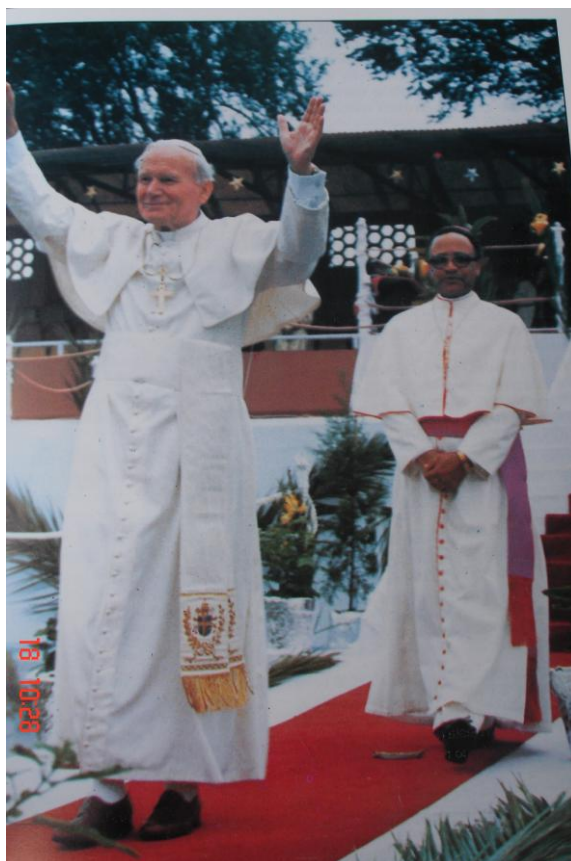
Nesse templo, o Papa João Paulo II fez a sua intervenção, onde destacou a função da catedral, como centro de comunhão e de irradiação apostólica da igreja local. Salientou a colaboração da igreja na construção da sociedade cabo-verdiana, reconhecendo as aspirações de justiça e de paz do povo cabo-verdiano.

Segundo esse pastor da Igreja Católica Universal, a igreja está ligada à história da Nação cabo-verdiana, de tal modo que, eliminá-la ou desconhecê-la, seria mutilar o próprio património sócio-cultural do arquipélago. Destacou também a contribuição específica da igreja no campo da formação das consciências. Estas deverão estar, segundo o Papa, “em

sintonia e coerência com as directrizes e exigências de uma ética humana cristã, que é proclamar a lei moral e os seus imperativos, denunciar, se necessário, os desvios e os erros.”¹⁰²

Uma outra etapa da visita do Papa foi a cidade do Mindelo - S. Vicente.¹⁰³

Figura 12 – Saudação do Santo Padre aos Sãovicentinos



Fonte: Direcção das Edições Voz di Povo – Visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde. Praia, 1990. p. 35.

Nessa ilha foi realizada a celebração da palavra no estado da Fontinha. O Bispo de Cabo Verde, D. Paulino, saudou o Santo Padre em nome do povo de S. Vicente e das ilhas de Santo Antão e de S. Nicolau, com a seguinte frase: “Sob os seguros auspícios da Padroeira Nossa Senhora da Luz, o povo católico (e não só), de S. Vicente, a que vieram juntar-se também numerosos peregrinos, sobretudo de mais duas ilhas de barlavento se

¹⁰² Jornal Tribuna/Nacional. *A palavra de Wojtyla* Praia. 1990. p. 13.

¹⁰³ Embora seja nossa intenção dar enfoque, neste trabalho, a visita do Papa à Cidade da Praia e consequente valorização da obra cristã da respectiva Igreja, não quisemos deixar omissa a etapa da visita que contemplou a ilha de S. Vicente.

sente orgulhosamente feliz e altamente honrado de Vos acolher do jeito que lhe é muito peculiar: cheio de morabeza e distinção.”¹⁰⁴

D. Paulino elogiou ainda, a ilha de S. Vicente pelo seu porto grande que no passado desempenhou um papel importante no desenvolvimento da ilha, e também considerou-a como inspiradora de muitos cultivadores e amantes da arte.

Não menos elogios mereceram também as ilhas de S. Nicolau, por ter dado ao país muitos e insignes intelectuais, e Santo Antão, pelos seus altos e sublimes montes que entoam a voz em louvor ao Senhor Deus, Arquitecto de tamanhas maravilhas.¹⁰⁵

Santo Padre iniciou a sua saudação com o seguinte salmo: *Cantai ao Senhor terra inteira! Cantai ao Senhor bendizei o Seu nome! (sl 95/96 1-2).*

Durante a celebração da palavra, realizada em S. Vicente, enalteceu o cabo-verdiano, como um povo que tem sido bem provado pelo sofrimento, o que contribuiu, sem dúvida, para o fortalecimento da sua fidelidade ao Evangelho.

Segundo João Paulo II, apesar de sermos um país de fracos recursos naturais, buscamos cuidadosamente, e com êxito os caminhos para constante progresso. Reconhece o sucessor de Pedro que, as condições de vida para muitos cabo-verdianos, continuam ainda, a ser duras, e que é necessário continuar a lutar contra as condições climáticas adversas que não favorecem o desenvolvimento económico.¹⁰⁶

O Sumo Pontífice não se esqueceu dos cabo-verdianos emigrados. A esses nossos compatriotas João Paulo II “dispensou uma profunda e sentida homenagem, lembrando as duras condições de vida, a luta e a coragem para não perder a sua própria identidade.”¹⁰⁷ Fez um apelo aos emigrantes de nunca se esquecerem do seu torrão natal, dos amigos, parentes etc., quando granjearem o pão e conseguirem melhores condições de vida. Que sejam também, fiéis às próprias raízes (à sua cultura, à sua fé, às tradições e costumes sadios.), e que procurem com o seu modo de vida, dar testemunho das boas qualidades do povo cabo-verdiano, e dos valores cristãos.

No final da sua intervenção, fez um pedido aos jovens Sanvicentinos: que colhessem a

¹⁰⁴ Direcção das Edições Voz di Povo. *Visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde 25 a 27 de Janeiro de 1990*. Praia. 1990. p. 33.

¹⁰⁵ Direcção das Edições Voz di Povo *Visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde 25 a 27 de Janeiro de 1990*. Praia. 1990. p. 33.

¹⁰⁶ Jornal Tribuna/Nacional. *Um Papa Cabo-verdiano*. Praia. 1990. p. 11.

¹⁰⁷ Jornal Notícias. *Papa em S. Vicente, a alegria de um encontro*. Praia. 1990. p. I.

“parte melhor do século que termina, ou seja, aquela ânsia de justiça, de solidariedade, de liberdade e de paz que anima a geração actual.”¹⁰⁸

Que compete-lhes tornar realidade, as esperanças e as expectativas de promoção humana, progresso e desenvolvimento, tão profundamente sentidas por todos. Que lhes pertence procurar soluções adequadas aos problemas que emergem. Que realizem formas honestas de participação responsável, numa vida política e social, e que tenham como finalidade o serviço dos mais fracos.

De regresso à cidade da Praia, o Santo Padre presidiu a solene celebração Eucarística na praia da quebra canela, acompanhado por tantos distintos ministros sagrados do colégio cardinalício e do episcopado, e perante a presença de milhares de fiéis.

Figura 13 - Solene Celebração Eucarística na praia da Quebra Canela



Fonte: Direcção das Edições Voz di Povo – Visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde. Praia, 1990. p. 41.

Antes do início da cerimónia o Bispo D.Paulino, saudou João Paulo II com as seguintes palavras:

¹⁰⁸ Jornal Notícias. *Sois, caríssimos irmãos e irmãs, um povo que tem sido bem provado pelo sofrimento.* op. cit.. p. III.

“a pé ou de viatura, de barco ou de avião, pela rádio ou pela televisão, todo o Cabo Verde está aqui presente nesta hora ou voltado para este lugar. Vindos de Santo Antão dos imponentes rochedos e caprichosos vales; de S. Vicente do Porto Grande, de S. Nicolau, do Liceu Seminário; procedentes ainda do Sal raso do aeroporto; da Boavista das dunas alvas reluzentes e das finas mornas; do Maio das águas límpidas e cristalinas; chegadas do Fogo do vulcão majestoso; vindos ainda da Brava das flores encantadoras e da morabeza; todos ou não, autoridades e povo, novos e velhos, são e doentes, todos unidos e associados de maneira muito especial ao vigário de Cristo na terra, na soleníssima celebração eucarística.”¹⁰⁹

Após a saudação prosseguiu-se a missa. À semelhança do que aconteceu em S. Vicente o Santo Padre iniciou a homilia com um salmo: *Dai ao Senhor a família dos povos, dai ao Senhor glória e poder, dai ao Senhor glória do seu nome (sl 95/96, 78).*

Com estas palavras, a nação cabo-verdiana foi convidada a dar glória a Deus. Durante essa celebração, o Papa lembrou aos presentes que, a este arquipélago, o anúncio do Evangelho chegou a mais de 500 anos. E que pouco tempo, após a fase missionária propriamente dita, a Sé Apostólica de Roma criou a Diocese de Santiago de Cabo Verde, em 1533, ficando assim estruturada, esta igreja local. Para Cabo Verde, vieram missionários, que trouxeram a possibilidade de os cabo-verdianos conhecerem o Evangelho e de o transmitirem aos outros.

Sabemos que, Cabo Verde foi outrora, conhecida por ser um ponto estratégico, e lugar que encurtava as distâncias para o comércio, e, infelizmente, também para o abominável comércio de pessoas humanas nos tempos da escravatura. E, relativamente à situação da escravatura, João Paulo II sublinhou um aspecto que faz parte da linha constante do Magistério Eclesiástico:

não às discriminações de todo o tipo; jamais a escravização do homem pelo homem; nunca qualquer forma de violência demolidora da dignidade das pessoas; jamais, a negação dos direitos de Deus sobre o homem.

¹⁰⁹ RAIMUNDO, Gabriel. *Na 45ª Visita Pastoral, no país mais católico do Continente Africano* In: Jornal Voz di Povo. Praia. 1990. p. 5.

Santo Padre foi um amigo incondicional dos jovens. Nessa sua visita pastoral, não poderia deixar de ter um encontro com a juventude católica.

Figura 14 - Encontro do Papa com jovens no Gimno-Desportivo “Vává Duarte”



Fonte: Direcção das Edições Voz di Povo – Visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde. Praia, 1990. p. 59.

Esse encontro teve lugar no pavilhão desportivo “Vává Duarte”, perante milhares de jovens. Foi saudado pela então secretária geral da juventude, Maria José Alfama. Esta dirigente juvenil na sua intervenção, destacou as principais inquietações que a juventude católica cabo-verdiana enfrenta, como por exemplo:

Os jovens representam a nova geração de cabo-verdianos, que estão empenhados numa mesma tarefa difícil, que é a da reconstrução nacional. Que valores deverão estar na base desta reconstrução?

Os jovens vivem num mundo, onde a tecnologia está a avançar e a alienação cultural é um desafio a combater. A falta de paz no coração de cada homem é uma grande preocupação. Tem havido em Cabo Verde, e no mundo inteiro um aumento incalculável de tudo quanto se opõe à vida. Que papel estaria reservado aos jovens?

Os jovens têm sido apelidados de *Primavera da Igreja*. Importa, porém, saber o que a igreja espera dos jovens no futuro, particularmente, em Cabo Verde, país maioritariamente cristão, mas onde se nota uma desafeição (especialmente dos jovens) pela prática religiosa. Que deverão fazer, os jovens, para um Cabo Verde mais jovem e mais cristão?¹¹⁰

Em resposta, o Santo Padre deixou aos jovens presentes no Gimno-Desportivo algumas recomendações:

que sejam livres, porque foram chamados à vida, que é a vocação para a liberdade. E que todos os que aceitam o grande dom de ter Deus como Pai e Cristo como Redentor, já não são escravos de nada; que enveredam pelo caminho de Cristo e que O tomem como companheiro de viagem, pois, Ele os indicará o caminho. E que o caminho contrário do d'Ele os levará à verdadeira escravidão moral; que estejam prevenidos contra a influência subtil da moda corrente e da opinião dominante que os meios de comunicação social apresentam;

que não andem à cata de falsos valores, nem dos ídolos do êxito pessoal, do poder, da riqueza e do erotismo;

que orientem na direcção dos valores, sobre os quais se funda a verdadeira liberdade, que provêm não do ter mais, mas do ser mais; que sejam verdadeiros homens e mulheres.¹¹¹

¹¹⁰ Direcção das Edições Voz di Povo. *Visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde 25 a 27 de Janeiro de 1990*. Praia, 1990. p. 61.

¹¹¹ Jornal Tribuna/Nacional. Praia. 1990. p. 13.

Aconselhou ainda os jovens, com as palavras do Apóstolo S. Paulo: *Foi para que fossemos livres que Cristo nos libertou. Permanecei, pois, firmes e não vos sujeiteis de novo ao jugo da escravidão (Gálatas 5,1).*

Pediu-lhes que tenham um coração manso, humilde e reconciliado com Deus, porque, vivem num mundo despedaçado por divisões, conflitos e antagonismos ideológicos. E que é normal, que sintam a ânsia de um mundo reconciliado.

Ao finalizar o seu discurso, o Papa apelou aos jovens que se deixem guiar pelo Espírito, cujos frutos são caridade, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade mansidão e temperança.

Que tenham coragem, que não se deixem rebaixar, pois, a vida, o destino e a história presente e futura de um jovem, dependem da fidelidade à aquela liberdade de filhos de Deus, para qual Cristo nos libertou.

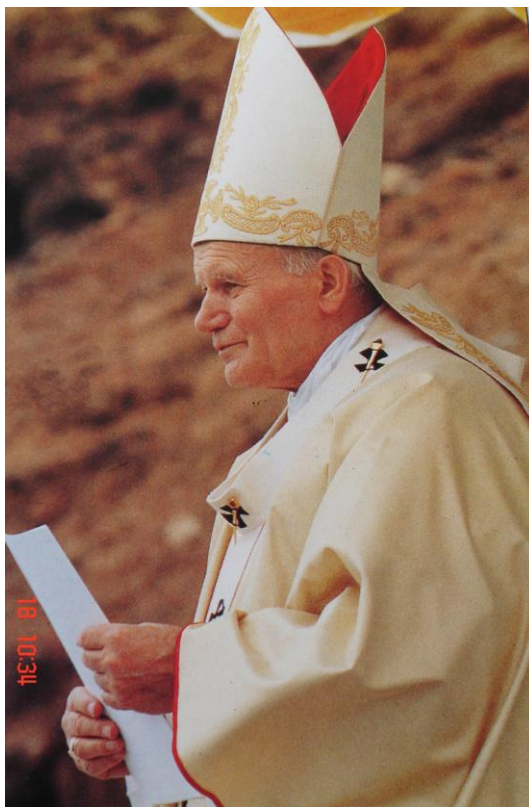
Passados que foram os três dias da visita do Santo Padre a Cabo Verde, chegou a hora da partida. O ex-presidente da República Sua Excia Aristides Pereira, proferiu o discurso da despedida.

Destacou a importância da visita da Sua Santidade, como um marco importante na história de Cabo Verde. Agradeceu ao Santo Padre pelas calorosas palavras que dirigiu aos cabo-verdianos.

Manifestou o desejo de alargar a cooperação existente entre Cabo Verde e Santa Sé, nas áreas da educação e da saúde. Salientou o importante desempenho da igreja local, no processo de desenvolvimento de Cabo Verde, com a sua colaboração sempre desejada e bem-vinda.¹¹²

Figura 15 - Papa João Paulo II na hora da despedida.

¹¹² Jornal Tribuna/Nacional. *Objectivos do Estado e da Igreja não se opõem ou contradizem*. Praia. 1990. p. 12.



Fonte: Direcção das Edições Voz di Povo – Visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde. Praia, 1990. p. 71.

Finalmente, ao dizer adeus ao Sumo Pontífice, o ex-presidente Aristides Pereira renovou os agradecimentos de todos os cabo-verdianos, pela honrosa visita, cujas recordações irão perdurar por muito tempo nos corações e na memória de todos. Desejou ao Santo Padre maiores sucessos nas próximas etapas da sua peregrinação pelo continente africano e augurou-lhe um longo e profícuo pontificado.

“Com pena para mim, chegou a hora da despedida. Neste momento quero exprimir a minha gratidão, pelo bom acolhimento que me foi dispensado na vossa terra, tanto aqui na cidade da Praia, como à chegada na ilha do Sal e depois no Mindelo em S. Vicente (...) A quantos seja devido, o meu muito obrigado.”¹¹³

Com estas palavras, o Bispo de Roma, Karol Wojtyla agradeceu e despediu-se de Cabo Verde.

Estendeu o seu agradecimento ao ex-presidente da República, Aristides Pereira, ao Bispo da Diocese de Cabo Verde, D. Paulino Évora, aos membros do Governo e a todos

¹¹³ Direcção das Edições Voz di Povo. *Visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde 25 a 27 de Janeiro de 1990*. Praia. 1990. p. 69.

aqueles que, apesar de não coincidirem nos mesmos sentimentos religiosos e humanitários, quiseram encontrar-se com Ele.

Não esqueceu daqueles que, estiveram ausentes, mas que acompanharam através dos meios de comunicação social, a sua visita pastoral. Enviou uma palavra de estima e simpatia aos emigrantes cabo-verdianos, formulando votos para que os seus sacrifícios sejam bem compensados.

Tendo em conta que, as peregrinações pastorais do Papa são, acima de tudo, de cariz religioso e apostólico, este chefe da Igreja Católica recomendou aos cabo-verdianos que sejam testemunhas de Deus, pois, só assim estarão a contribuir para a construção de uma civilização cristã original.

Ao finalizar, concluiu dizendo:

“Nalgumas culturas o *verde* é a cor da esperança; e é o nome da vossa terra. Assim e com muita esperança que vos digo *ADEUS*, dando todo o significado à expressão: *a Deus Pai de misericórdia, vos confio, pois ‘se o Senhor não edificar a casa, em vão trabalham os construtores* (sl 126/127,1). Não se edifica a sociedade, sem Deus: é Ele a garantia de uma sociedade à medida do homem; e ser religioso é plenitude humana.”¹¹⁴

¹¹⁴ Direcção das Edições Voz di Povo *Visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde 25 a 27 de Janeiro de 1990*. Praia. 1990. p. 70.

CONCLUSÃO

À guisa de conclusão, importa ressaltar, que este trabalho, apresenta uma Memória histórica e artística da Igreja Matriz de Nossa Senhora da Graça, enquanto obra religiosa.

Constatamos que a presença da Igreja Católica em Cabo Verde remonta a nossa história, ou seja, desde o início do povoamento das ilhas.

Tendo em conta que o projecto de evangelização estava imbuída nos projectos da expansão marítima europeia (Portugal), sob o propósito de expandir e dilatar a fé cristã nas terras conquistadas, os primeiros povoadores trouxeram consigo as suas crenças religiosas, e construíram ermidas, capelas e igrejas em algumas ilhas do arquipélago.

A criação da Diocese de Cabo Verde, como forma de coordenar a tarefa evangelizadora na costa ocidental africana, e a sua erecção em 1533 contribuíram para uma melhor assistência religiosa às comunidades.

Foram vários os missionários que vieram para Cabo Verde, o que contribuiu para a propagação da doutrina cristã, através da pregação pública e dos ensinamentos católicos, tanto no espaço urbano como também nas freguesias das ilhas adentro.

A nível nacional, diríamos que a Igreja Católica alargou o seu campo de acção da cidade da Ribeira Grande de Santiago, onde se situava a Sede da Diocese, passando pela freguesia de Nossa Senhora da Graça (Praia), onde se encontra hoje, a Sede da Diocese de Santiago de Cabo Verde, às freguesias rurais.

Este facto é exemplificado, com a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a única que resistiu às intempéries. Ela é uma referência na historiografia eclesiástica cabo-verdiana, na medida em que fora no passado a Igreja matriz da paróquia do mesmo nome, e é ainda hoje, um elemento material histórico, da cultura religiosa santiaguense.

Com o estudo da Igreja Matriz da Praia, queremos mostrar hoje, o seu valor, tanto do ponto de vista histórico e artístico, como também no âmbito patrimonial, isto pelo facto dela ser uma construção antiga (passagem do século XIX ao XX) e detentora de uma rara beleza e estética, dada por um equilíbrio simétrico, harmonioso das várias formas geométricas, das pinturas com cenas bíblicas, das pequenas esculturas, o que valoriza, sem dúvida, esta obra arquitectónica.

A visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde, foi um acontecimento memorável na história do nosso país. Tanto as autoridades civis, como as religiosas e o povo cabo-verdiano, souberam acolher, de forma digna, o Pastor da Igreja Universal.

Esse acolhimento começou no aeroporto Amílcar Cabral, na ilha do Sal, aonde todos ocorreram em peso, para saudar efusivamente o distinto visitante, e culminou em S.Vicente, com passagem pela capital do país, onde permaneceu mais tempo, para o encontro com as autoridades civis e religiosas, com os jovens e celebrar a magna Eucaristia, que se realizou na praia da Quebra Canela. Foram três dias de muita festa e euforia.

O encontro com o Bispo Dom Paulino e o clero realizou-se na Pró-Catedral (Igreja Matriz de Nossa Senhora da Graça), pelo seu valor simbólico, sustentado por uma construção com uma iconografia religiosa evidenciada quer no exterior, como no interior. Para além disso, esse edifício religioso, de uma arquitectura enquadrada essencialmente nas correntes estética Neoclássica e Tardo-Barroca, serviu e continua ainda hoje, a servir para as celebrações (fundamentalmente a eucarística)

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, José A. Ferreira de.(Coord). Tesouros Artísticos de Portugal. Lisboa. 1976.
 Selecções Reader's Digest.
- AMARAL, Ilídio do. **Santiago de Cabo Verde. A Terra e os Homens**. Lisboa.
 Associação das Universidades de Língua Portuguesa. Centro de estudos
 geográficos da Universidade de Lisboa. Instituto de Investigação Científica
 Tropical. 2007.
- AZEVEDO, Ana Maria. **Nova História Viva**. Lisboa. Editora Plátano. 1993.
 Boletim Oficial. n.º 20/1885.
- BOXER, C. R. **O Império Marítimo Português 1415-1825**. Lisboa. Edições 70. 1969.
- CARREIRA, António. **Migrações nas Ilhas de Cabo Verde**. Lisboa. ICL. 1983.
- CARVALHO, Maria Adriana Sousa. **O Objecto e a Escrita**. Praia. Cabo Verde Editora,
 Lda. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro de Cabo Verde. 2004.
- CERONE, Frederico. **Cabo Verde – Cruzamento do Atlântico Sul. Centro de Missões·
 Estrangeira dos Capuchinhos**. Mindelo. Editora Radio Nova.

- _____. **História da Igreja de Cabo Verde: Subsídios**. Mindelo. 1983.
- CORRÊA, António Mendes. **Ultramar Português II, Ilhas de Cabo Verde**. Lisboa. ·
 Agência Geral do Ultramar. Divisão de Publicações e Biblioteca. MCMLIV.
- DIAS, Pedro. *Historia da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822), O espaço Atlântico*.
 Navarra. 1999.
- Direcção das Edições Voz di Povo. **Visita do Papa João Paulo II a Cabo Verde 25 a 27 de Janeiro de 1990**. Praia. 1990.
- DOMINGUES, Ângela. *Administrações e Instituições: Transplante, Adaptação, Funcionamento – A Igreja em Cabo Verde*. In: ALBUQUERQUE, Luís e SANTOS, Maria Emília Madeira (coordenação). *Historia Geral de Cabo Verde volume I*. Lisboa. Direcção Geral do Património Cultural de Cabo Verde, Praia. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, Instituto de Investigação Científica Tropical. 1991.
- DUARTE, Padre Francisco de Deus. In: **Boletim de Propaganda e Informação**. N.º 4. Ano I.
- FIGUEIRA, Luís Mota. **Igreja de Nossa Senhora da Graça Sé Catedral da Cidade da Praia da Ilha de Santiago Cabo Verde (Subsídios para um Guia da visita e Interpretação)**. Tomar. 2008.
- GOMES, Lourenço. *Comunicações intituladas: Importância histórica e patrimonial da Igreja Matriz da Praia*, apresentada às Jornadas Luso-Caboverdianas de História, Ciências Sociais e Relações Internacionais. Porto. Universidade Portucalense, 2004.
- GONÇALVES, Nuno da Silva. **Os Jesuítas e a Missão de Cabo Verde (1604-1642)**. Lisboa. Edição Brotéria. 1996.
- Jornal Tribuna/Nacional. *A palavra de Wojtyla*. Praia. 1990.
- _____. *Um Papa Cabo-verdiano*. Praia. 1990.
- Jornal Notícias. *Papa em S. Vicente, a alegria de um encontro*. Praia. 1990.
- _____. *Sois, caríssimos irmãos e irmãs , um povo que tem sido bem provado pelo sofrimento* Praia. 1990.
- LOPES, Pedro Gregório. *Uma leitura simbólica, não forçosamente arquitetónica*. In: PERREIRA, Padre Pimenta (coordenação). *Paróquia de Nossa Senhora da Graça*. Praia. Edição do grupo João Paulo II.

- MATIAS, Célia; CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da; COSTA, Anouk Faria da;
CARVALHO, José Maria Lobo e FERREIRA, Teresa de Deus. *Inventário do Património Arquitectónico da Cidade Velha (Santiago, Cabo Verde)*. In: **Africana Revista**. N.º 6. Porto. Centro de Estudos Africanos e Orientais da Universidade Portucalense. 2000.
- PEREIRA, Daniel. **A importância Histórica da Cidade Velha (Ilha de Santiago Cabo Verde)**. S. Paulo. Edição Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. 2004.
- PEREIRA, Daniel. **Marcos Cronológicos da Cidade Velha**. Praia. 1988. Edição ICL.
- PEREIRA, Padre Pimenta. *Dados históricos sobre a Igreja de Nossa Senhora da Graça*. In: PEREIRA, Padre Pimenta (coordenação). Paróquia de Nossa Senhora da Graça. Praia. Edição do grupo João Paulo II.
- RAIMUNDO, Gabriel. *Na 45ª Visita Pastoral, no país mais católico do Continente Africano*. In: Jornal Voz di Povo. Praia. 1990.
- SANTOS, Maria Emília e CABRAL, Iva Maria. **Cabo Verde - Fortalezas, Gente e Paisagem**. Bilbao. Editora Agência Espanola de Cooperacion Internacional Del Ministerio de Cultura de Cabo Verde.
- SANTOS, Maria Emília Madeira e SOARES, Maria João . *Igreja Missionação e Sociedade*. In: SANTOS, Maria Emília Madeira (coordenação). História Geral de Cabo Verde volume II. Lisboa. Direcção Geral do Património Cultural de Cabo Verde, Praia. Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, Instituto de Investigação Científica Tropical. 1995.
- SARAIVA, José Hermano. **História Concisa de Portugal**. Lisboa. Publicações Europa América.
- SEMEDO, Manuel Brito. **A Construção da Identidade Nacional – Análise da Imprensa entre 1877 e 1975**. Praia. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. 2006.
- SERÃO, Joel e MARQUES, A. H. De Oliveira. *Nova História da Expansão Portuguesa – A colonização Atlântica* . In: MATTOS, Artur Teodoro de (coordenação). Tomo 2. Editorial Estampa. 2005.
- SILVA, António Correia e. **Combates Pela História**. Praia. Edições Spleen. 2004.
- _____. **Espaços Urbanos de Cabo Verde, O Tempo das Cidades-Porto**. Lisboa. (Produção) Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. 1998.
- UP-JOHN e outros. **História Mundial da Arte**. Lisboa. 1992.

- VASCHETTO, Bernardo. **Ilhas de Cabo Verde: Origem do povo cabo-verdiano e Diocese de Santiago de Cabo Verde. Situação económica e eclesial (1973-1986) à luz de uma documentação histórica (1460-1700).** Boston. Edição Farol. 1987.
- VIEIRA, Santa Rita. *A Igreja de Nossa Senhora da Graça.* In: PEREIRA, Padre Pimenta (coordenação). *Paróquia de Nossa Senhora da Graça.* Praia. Edição do grupo João Paulo II. 1995.